



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO  
UNIDADE ACADÊMICA DE TECNOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO  
CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM AGROECOLOGIA**

**CRISTINA GUIMARÃES**

**A ALQUIMIA DA TERRA E A ARTE COM BARRO NA VISÃO DAS  
LOUCEIRAS DA COMUNIDADE DO LIGEIRO DE BAIXO  
SERRA BRANCA (PB).**

**SUMÉ - PB  
2018**

**CRISTINA GUIMARÃES**

**A ALQUIMIA DA TERRA E A ARTE COM BARRO NA VISÃO DAS  
LOUCEIRAS DA COMUNIDADE DO LIGEIRO DE BAIXO  
SERRA BRANCA (PB).**

**Monografia apresentada ao Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Tecnóloga em Agroecologia.**

**Orientadora: Professora Dra. Adriana de Fátima Meira Vital.**

**SUMÉ - PB  
2018**

G963a Guimarães, Cristina.

A alquimia da terra e a arte com barro na visão das Louceiras da Comunidade do Ligeiro de Baixo – Serra Branca (PB). / Cristina Guimarães. - Sumé - PB: [s.n], 2018.

60 f.

Orientadora: Professora Dra. Adriana de Fátima Meira Vital.

Monografia - Universidade Federal de Campina Grande; Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido; Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia.

1. Etnopedologia. 2. Louça de barro. 3. Ceramistas.  
4. Artesanato de barro. Artesãs Serra Branca – PB. I. Título.

CDU: 631.4(043.1)

**CRISTINA GUIMARÃES**

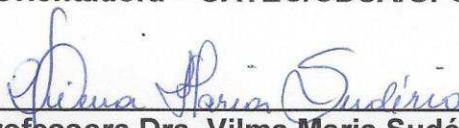
**A ALQUIMIA DA TERRA E A ARTE COM BARRO NA VISÃO DAS  
LOUCEIRAS DA COMUNIDADE DO LIGEIRO DE BAIXO  
SERRA BRANCA (PB).**

Monografia apresentada ao Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Tecnóloga em Agroecologia.

**BANCA EXAMINADORA:**



**Professora Dra. Adriana de Fátima Meira Vital.  
Orientadora – UATEC/CDSA/UFCG**



**Professora Dra. Vilma Maria Sudério.  
Examinador I – UATEC/CDSA/UFCG**



**Professora Dra. Glauciane Danusa Coelho.  
Examinador II – UAEB/CDSA/UFCG**



**Mestre José Romário Lacerda de Barros.  
Examinador externo.**

**Trabalho aprovado em: 05 de março de 2018.**

**SUMÉ - PB**

Dedico este trabalho à minha mãe, aos meus filhos, ao meu pai (*in memoriam*) e  
minha tia Nevinha (*in memoriam*) que são os meus maiores amores.

## **AGRADECIMENTOS**

Toda minha gratidão, inicialmente, para o Pai Maior que cuidou, protegeu, guiou e direcionou-me a todos os caminhos que passei até chegar aqui, nesse momento. Por todas as vezes que pensei em desistir, esteve ao meu lado e não deixou essa vontade crescer e desanimar-me.

A minha mãe, que me incentivou para a graduação acreditando que mesmo com as dificuldades que existiriam até a conclusão do curso, eu seria capaz de chegar até aqui.

Aos meus amados filhos, Amanda e Heitor Pedro, onde a distância existente entre nós não foi capaz de separar o nosso afeto e nossos sonhos.

De todo coração, eu agradeço a Adriana de Fátima Meira Vital minha orientadora, professora e coordenadora do PASCAR – Programa de Ações Sustentáveis para o Cariri, pela oportunidade a mim concedida, de fazer parte dessa proposta de extensão universitária. Obrigada pelos ensinamentos, pelo convívio e, principalmente, por despertar dentro da minha alma o reconhecimento da importância e do respeito ao solo, ao agricultor e sua labuta diária de vida. Grata por me ter mostrado o papel fundamental que o ser humano exerce na vida uns dos outros e no Cosmos, como um todo. Pelo cuidado e afeto, pelo seu olhar amoroso e fraterno para comigo e para com todas as formas de vida existentes no nosso planeta, muito obrigada.

Às professoras Vilma Sudério e Glauciane Danusa e ao Mestre em Agroecologia Romário Lacerda, por aceitarem fazer parte da banca avaliadora desse trabalho e pelas sugestões valiosas.

A minha amiga e parceira, Lygia de Oliveira Lopes, grata por sua amizade e carinho, pelas risadas (que foram muitas), paciência e tolerância em me escutar nas tantas vezes que precisei de alguém de confiança para partilhar as angústias e as lágrimas – você sempre estava lá para ouvir e aconselhar.

Aos amigos da turma 2013.1 pelo companheirismo e sorrisos, pela força e afeto, onde as dificuldades individuais, de cada um, enfrentadas ao longo do tempo de convívio na sala de aula não nos afastaram.

Ao companheiro Zé Tiano, parceiro da Área Experimental e do Viveiro de Mudas, pelos ensinamentos repassados (sempre com um sorriso largo no rosto), pela sua simpatia, disponibilidade e companheirismo, muito obrigada!

Aos integrantes do Grupo de Pesquisa Estudo, Uso e Manejo dos Solos do Semiárido, pela convivência e aprendizado.

A todos os parceiros do PASCAR, que compartilharam comigo essa experiência inesquecível, dividida entre risadas e birras (algumas vezes), sou grata.

Ao Givanildo Santos, na pessoa que representa a Rádio Solidariedade FM, de Serra Branca, durante o período em que apresentei o Programa Matutando Agroecologia no Rádio, em participação conjunta com Lygia Lopes, como parte das atividades do PASCAR, muito obrigada pela atenção e respeito dispensados conosco.

Aos colaboradores anônimos que se esforçaram em me ajudar a encontrar dados e informações a respeito da comunidade do Ligeiro de Baixo, meus sinceros agradecimentos.

Às louceiras da comunidade do Ligeiro de Baixo, em Serra Branca – PB, Dona Quitéria, Dona Francisca (Chica), Dona Maria José, Elisabete, Fátima e Vera Lúcia, por me acolherem com conversas e ensinamentos, mas, principalmente pela confiança em repassar as suas histórias de vida e as técnicas manuais para a fabricação da louça de barro, uma verdadeira alquimia, uma arte de mulheres perseverantes e guerreiras.

Acreditas na Divina Providência que vela pelos desvalidos... O que creio é que há ocasiões na vida em que devemos deixar-nos levar pela corrente do que acontece, como se as forças para lhe resistir nos faltassem, mas de súbito percebemos que o rio se pôs a nosso favor, ninguém mais deu por isso, só nós; quem olha julgará que estamos a ponto de naufragar, e nunca a nossa navegação foi tão firme.

JOSÉ SARAMAGO



## RESUMO

A argila, matéria prima da atividade cerâmica ou louça de barro, é um material que proporciona oportunidades criativas diversas, em função da maleabilidade e flexibilidade que apresenta. A produção da louça de barro é uma atividade antiga, perfazendo costumes e valores da humanidade, presente nas diversas localidades, especialmente nos ambientes rurais, e, em que pese a beleza das peças e a importância da atividade como arte e gerador de trabalho e renda, a desvalorização das ceramistas é expressiva. A pesquisa objetivou analisar a percepção das louceiras da comunidade rural do Ligeiro de Baixo, em Serra Branca/PB sobre a sua arte, seus saberes e dificuldades, perspectivas e potencialidades, à luz da Etnopedologia, ciência que estuda a relação das pessoas com o solo. A metodologia usada foi baseada no registro etnográfico com entrevista não estruturada, dando liberdade ao pesquisador para ir além das respostas e a pesquisa teve caráter qualitativo. Os resultados verificados expressam como principais dificuldades das louceiras a ausência de apoio para a comercialização e fortalecimento da atividade. Percebeu-se ainda a necessidade de associativismo e de orientações para o empreendedorismo. Embora os desafios sejam cada vez mais expressivos, as louceiras continuam firmes em se definir como artesãs, manipulando com graça e transformando a argila em belas peças. Ressalta-se na pesquisa que o artesanato com barro no Cariri sobrevive por si só, ainda que encontre obstáculos para isso.

**Palavras-Chave:** Etnopedologia. Louça de barro. Ceramistas. Artesanato.

## ABSTRACT

The clay, raw material of the ceramic activity or crockery, is a material that provides diverse creative opportunities, due to the malleability and flexibility that it presents. The production of clay crockery is an ancient activity, making up customs and values of humanity, present in the various localities, especially in rural environments, and in spite of the beauty of the pieces and the importance of the activity as an art and generator of work and income, the devaluation of the potters is expressive. The objective of this research was to analyze the perceptions of the rural community of Ligeiro de Baixo in Serra Branca/PB about their art, their knowledge and their difficulties and potential, in the light of ethnopedology, a science that studies the relationship between people and the soil. The methodology used was based on the ethnographic record, where it was chosen to use unstructured interview, giving the researcher the freedom to go beyond the answers, the way the qualitative research works, with the aspirations, beliefs, values and attitudes, focusing on understanding and explanation of the dynamics of the social relations involved. The verified results indicate that the potters remain firm in defining themselves as artisans and that, even though they find it difficult to support the strengthening of this activity, it is necessary to emphasize that the handicraft whit clay in Cariri survives on its own, even though it encounters obstacles for this.

**Keywords:** Ethnopedology. Earthenware. Ceramists. Crafts.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Localização do município de Serra Branca em relação à microrregião em que se encontra inserido e ao estado da Paraíba.....	27
Figura 2. Mapa de reconhecimento de solos.....	28
Figura 3. Ambiente típico das louceiras, com visão para o forno usado para o cozimento das peças de barro.....	29
Figura 4. A autora com a louceira mais velha da comunidade.....	33
Figura 5. Material lenhoso usado para a queima das peças de barro.....	39
Figura 6. Rotina de trabalho das louceiras do Ligeiro de Baixo (Serra Branca ) .....	40
Figura 7. Peças de artesanato com barro das louceiras de Serra Branca-PB.....	44
Figura 8. Peças prontas guardadas para a venda.....	45
Figura 9. Perfil de um LUVISSOLO CRÔMICO VERTISSÓLICO, onde é feita a extração de barro de uma das louceiras.....	60
Figura 10. Visão de forno com as peças para serem queimadas, recobertas pelas peças descartadas.....	60
Figura 11. A louceira Quitéria comercializando as peças de barro na feira livre de Sumé – PB.....	60

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Grau de instrução/escolaridade das entrevistadas.....	35
Gráfico 2. Número de familiares das entrevistadas.....	36
Gráfico 3. Tipologia de ocupação dos membros da família das entrevistadas.....	37
Gráfico 4. Dificuldades apresentadas pelas entrevistadas sobre sua arte.....	39
Gráfico 5. Espaços de comercialização das peças de barro.....	42
Gráfico 6. Participação em eventos para exposição de suas peças de barro.....	43
Gráfico 7. Satisfação das louceiras quanto aos preços das peças de barro.....	43
Gráfico 8. Percepção sobre a valorização de sua arte com o barro.....	45

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>11</b>
<b>2 REVISÃO DE LITERATURA</b> .....	<b>13</b>
2.1 O Solo, base da alquimia da louça de barro .....	13
2.2 Etnoconhecimento e Etnopedologia .....	15
2.3 A louça com barro: tradição, arte e sobrevivência .....	18
2.4 A intimidade com a terra nas etapas da atividade cerâmica .....	21
2.5 Estudos de percepção .....	23
<b>3 MATERIAL E MÉTODOS</b> .....	<b>25</b>
3.1 Caracterizações da pesquisa .....	25
3.2 Caracterização da área de estudo .....	26
3.2.1 As louceiras do Ligeiro de Baixo .....	28
<b>4. RESULTADOS E DISCUSSÃO</b> .....	<b>30</b>
4.1 O cotidiano das loiceiras: identificação e coleta do barro; preparo e confeção das peças .....	30
4.2 Perfis das loiceiras e a percepção sobre sua arte .....	32
4.2.1 Perfil social .....	32
4.2.2 Percepção da atividade .....	38
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>46</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	Erro! Indicador não definido.
<b>APÊNDICES</b> .....	<b>57</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O solo é um organismo vivo de dinâmico. De todos os recursos naturais, o solo se destaca pela relevância de ser suporte, de forma direta ou indireta, à sustentação de todas as formas de vida existentes. Considerado um organismo complexo, dinâmico e finito, o solo é um verdadeiro retalho de cores e texturas, estrutura e consistência, cujas ordens para ser mais bem compreendido pelos cientistas da área, estão estabelecidas no Sistema Brasileiro de Classificação do Solo (EMBRAPA, 2013).

O solo está presente na maioria das atividades humanas e compreende o componente integrado dos diversos ecossistemas. Segundo Vital e Santos (2017) a relação do homem com o solo é milenar, remontando aos primórdios da própria agricultura, quando o homem aprendeu na lida diária a transformar os duros fragmentos dos minérios em utensílios para o trato com a terra, as pedras para a construção de seus abrigos e a usar o solo na confecção de utensílios para o preparo dos alimentos.

Da multiplicidade de usos e percepções sobre o solo, seja na agricultura ou nas diversas atividades realizadas pelo homem é que surge a Etnopedologia, como sendo a ciência que estuda as variadas faces existentes entre o solo, o ser humano e os demais componentes dos ecossistemas (ALVES e MARQUES, 2005).

A Etnopedologia é uma ciência híbrida; pois se estrutura pela combinação das ciências como Pedologia, Geomorfologia, Antropologia, Geografia, Agronomia, etc. (BARRERA-BASSOLS e ZINCK, 2000), permitindo entender a existência de conhecimentos provenientes de diferentes campos, buscando respostas às questões relacionadas aos solos e ao manejo das terras. Esses conhecimentos locais geralmente são transmitidos de geração em geração pela linguagem oral e costumam estar associados às diferentes visões de mundo (cosmologias) que permeiam os grupos culturais (TOLEDO, 2000).

Além da grande função de agropecuária, há o uso não agrícola, expresso nas atividades que usam o solo como matéria prima para as construções, edificações e artefatos. Considerando esse uso, na atividade das ceramistas, apesar do avanço

das tecnologias no mundo contemporâneo, o uso de objetos artesanais, compondo o cotidiano das pessoas, é ainda bastante expressivo.

A arte é transformação, é alquimia. Nesse sentido, provavelmente, a alquimia se instala a meio caminho entre o que podemos considerar uma técnica e uma sabedoria (LOPES, 2013).

A alquimia tem como objetivo a transformação da matéria, entendida aqui como os elementos encontrados na natureza e também os seres humanos, na qual se unem natureza e ser humano, condição prévia para aceder-se ao conhecimento (ALVARENGA, 2012).

A arte com a terra, seja pela facilidade de acesso, aquisição e manipulação, conquistou o interesse de diversas comunidades, atendendo suas necessidades mais imediatas, desde a elaboração de artefatos domésticos destinados às múltiplas funções do cotidiano, sejam utilitárias, decorativas, lúdicas ou religiosas, até as construção e pintura das edificações, colaborando assim para o embelezamento, a tradição, a cultura e o empoderamento de comunidades. Ressalta-se que a atividade muitas vezes representa a primeira via de inserção no mercado de trabalho de grande parcela da população, especialmente as comunidades rurais, situadas na desigualdade de acesso aos bens e serviços públicos mais prioritários (MURAKAWA e RIBEIRO, 2009).

Embora a atividade seja reconhecida como de relevância para a cultura das comunidades e suas tradições, sofre com a possibilidade de extinção, face ao desinteresse dos descendentes e a ausência de políticas públicas que incentivem e valorizem o setor.

Como contribuição para a atividade desenvolvida no Cariri paraibano, buscando resgatar e dar visibilidade a arte de confecção de cerâmica artesanal, a pesquisa objetivou analisar a percepção das louceiras da comunidade rural do Ligeiro de Baixo, em Serra Branca (PB), sobre a atividade que desenvolvem os saberes transmitidos ao longo das gerações, as dificuldades com as quais convivem no cotidiano e as perspectivas da arte da louça de barro.

## 2 REVISÃO DE LITERATURA

### 2.1 O Solo, base da alquimia da louça de barro

A definição de solo depende da formação, como também da origem e dos costumes e valores de cada segmento social, bem como cada profissional o percebe, segundo a função que lhe dá e sua representação: para alguns, o solo é terra ou, apenas, chão; para outros é o recurso que fornecem nutrientes e sustentação às plantas. Mas o solo é mais que isso: é o sustentáculo da produção de alimentos e da vegetação de maneira geral, o habitat de milhares de organismos, o reservatório da água, dos nutrientes, de carbono, além de ser base da matéria prima para uma diversidade de atividades humanas (TOMA et. al., 2017).

O solo propriamente dito é a parte superficial que recobre a terra, cuja gênese se dá por meio do processo de intemperismo, quando a rocha sofre a ação dos fatores climáticos, topográficos, aliada a atividade dos organismos ao longo do tempo. Esses fatores são partes do meio ambiente e atuam de forma conjunta (LIMA, 2001).

O solo é constituído por uma mistura complexa de materiais inorgânicos e resíduos orgânicos parcialmente decompostos, que diferem em características, como espessura, profundidade, como também em cores, texturas, consistências e estruturas, além de água e ar (RESENDE et. al., 1995). Como organismo vivo, em função da diversidade de formas nele existentes, o solo também pode ser percebido numa perspectiva holística, que remete ao entendimento de que como recurso da natureza, demora a nascer, não se reproduz e “morre” com facilidade (LIMA e LIMA, 2000).

Face à multiplicidade de serviços ecossistêmicos que exerce, o solo precisa ser conhecido, valorizado, conservado, recuperado e protegido, como um patrimônio coletivo, de responsabilidade de todos (MUGGLER et. al., 2005).

Geralmente se atribui ao solo funções de natureza ecológica, técnico-industrial e sócio cultural. Relativo à natureza ecológica encontramos o solo como meio de suporte para a produção de biomassa (assegurando a vida humana e animal o provisionamento em alimentos, bioenergia e produção de fibras);



regulador ambiental (funcionando como filtro, acumulador, amortecedor e transformador de diversos compostos que circulam entre a atmosfera, a hidrosfera e os organismos vivos, fazendo parte integrante do ciclo hidrológico e de outros ciclos biogeoquímicos); reserva de biodiversidade, sendo o banco de sementes do solo, mas também o meio de crescimento e habitat de uma miríade de organismos, macro e microscópicos, muitos de espécies ainda desconhecidas, que têm no solo o seu habitat, sendo um enorme manancial genético (BLUM, 1998).

Nas demais funções podem ser citadas as de suporte de infraestruturas, como via de comunicação, mas também edifícios; fonte de matérias primas (fornecimento de água, argila, areia, cascalho, carvão, minerais, etc., para a produção técnica e industrial) e suporte de patrimônio natural e cultural observado nas paisagens protegidas, espaços de lazer, tesouros arqueológicos e paleontológicos, vestígios paleoambientais, resguardando a memória da humanidade (HILLEL, 1998; SAMPAIO, 1999).

As formas de uso agrícola do solo estão diretamente ligadas à ocupação e às diversas atividades exercidas pelo homem, tais como a produção de vegetais, grãos ou frutas, a criação de animais na pecuária. Segundo Romeiro (1998), foi a partir do surgimento da agricultura que veio o entendimento do solo como fator de produção, ampliando as possibilidades de exploração desse recurso ambiental.

O uso múltiplo dos solos é uma característica comum aos camponeses, indígenas e outras populações rurais e tradicionais, porém algumas pesquisas etnopedológicas têm mostrado a existência de conhecimentos locais sobre solos e materiais minerais, não somente nas atividades elencadas acima (ARNOLD, 1971; MELO, 1983), mas também a outros campos de comportamento como o tratamento de enfermidades humanas e as construções (MARQUES, 2001), a mineração (WEST, 1952), a pintura corporal para rituais e desenhos (OLLIER et. al., 1971; TABOR et. al., 1990), bem como a própria alimentação humana (BROWMAN e GUNDERSEN, 1993).

## 2.2 Etnoconhecimento e Etnopedologia

Etnoconhecimento pode ser compreendido no sentido de experiências e saberes acumulados por um grupo humano sobre seus recursos naturais e transmitidos de forma dinâmica, mutável e transgeracional, podendo passar por transformações e adaptações ao longo do tempo, de acordo com uma gama de conjecturas e interesses envolvidos, afirma Albuquerque (2005).

É parte fundamental de uma forma de conhecer e de trabalhar com a natureza. Considerando que tal forma de conhecimento pode ser um atributo de valor diferencial para populações tradicionais (ELISABETSKY, 2003).

Já Alves (2008) explica o prefixo “etno-“, empregado nas etnociências, como referência ao sistema de conhecimento e cognição característico de uma cultura. Estudos, além, da “etnopedologia” (WILLIAMS e ORTIZ-SOLORIO, 1981; TABOR, 1992), encontramos a etnoedafologia (BARRERA-BASSOLS, 1988; LICONA-VARGAS et. al., 1992), etnoecologia (CONKLIN, 1954; JOHNSON, 1974), etnobiologia (POSEY, 1986), ecologia humana (SCHAEFFER e EDEN, 1995), etnoagronomia (MORAN, 1981), etnomineralogia (ARNOLD, 1971), etnohistória (WILLIAMS, 1975), etnoarqueologia (WILSHUSEN e STONE, 1990). São expressões, às vezes, substituídas ou acompanhadas na literatura, que qualificam os conhecimentos, entre outros aspectos, das próprias pesquisas.

Nesse seguimento e numa perspectiva holística de identificação do homem com a terra é que a Etnopedologia estuda o entendimento que o povo tem acerca dos recursos do solo, a partir de seus conhecimentos sobre a natureza, além de resgatar o sentimento de pertencimento, respeito e afetividade das pessoas pela terra, estabelecendo uma espécie de “consciência pedológica” (MUGGLER et. al., 2005).

Contudo, nada impede que possam chegar conceitos etnopedológicos, através de abordagens, facilitando o resgate do saber tradicional com a possibilidade de haver a interlocução do conhecimento científico, de forma que não chegue a interferir nas comunidades que já contém suas especificidades locais e, sim, buscando aprofundar os conhecimentos entre si.

Há uma crescente preocupação científica com o desenvolvimento sustentável e uso adequado dos recursos naturais fazendo com que pesquisadores de várias

áreas da Agronomia e afins, se aproximem da Etnopedologia, desenvolvendo estudos com abordagens ligadas à correlação e comparação entre o conhecimento formal e local, especialmente sobre aspectos relacionados à classificação de solos e estratégias de adaptação para o desenvolvimento da agricultura (NIEMEIJER e MAZZUCATO, 2003). Essa nova prática historiográfica destaca-se pelo estudo das relações sociais e, a partir das mesmas, das relações estabelecidas com a natureza (MARTINEZ, 2005). Além da importância reconhecida pelo aumento do número de trabalhos nessa área, destaca-se que estudos etnopedológicos proporcionam a compreensão da realidade local de uma população humana e geram conhecimentos de forma mais acessível e integrada com os agricultores (CORREIA, 2005).

O conhecimento local sobre solos baseia-se na experimentação, possui raízes onde se vive, é transmitido oralmente ou pela prática, está sensivelmente relacionado com as condições socioculturais e climáticas onde se insere e tem caráter dinâmico (BARRIOS e TREJO, 2003; PAYTON et. al., 2003).

Nesse âmbito encontra-se a arte com a terra, na atividade de ceramistas, que modela o barro para a elaboração de artefatos domésticos destinados às múltiplas funções do cotidiano. Vital e Santos (2017) esclarece que a confecção de louça de barro é um processo de baixo custo e impacto ambiental mínimo, que compreende produtos, técnicas e metodologias que visam à transformação social, favorecendo a organização das comunidades, desenvolvendo a criatividade, ocasionando a melhoria da autoestima dos envolvidos e do universo feminino, além de proporcionar alternativa de renda.

Por meio da arte da louça de barro, uma herança das culturas tupi-guarani e transmitida por várias gerações, gera-se trabalho e renda. Hoje, esse ofício é reconhecido nacionalmente como um Bem Cultural de Natureza Imaterial e titulado como Patrimônio Cultural Brasileiro, sendo uma iniciativa do Ministério da Cultura e do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e por intermédio do Decreto Federal 3.551/2000.

É possível encontrar os bens imateriais, também chamados de bens intangíveis, reconhecidos na Constituição Federal. Eles constituem todas “as expressões de vida e tradições que comunidades, grupos e indivíduos em todas as partes do mundo recebem

de seus ancestrais e passam seus conhecimentos a seus descendentes” (UNESCO, 2017).

Os ensinamentos entre as gerações vão sendo modificados, naturalmente, de acordo com os costumes e técnicas, porém continua sendo ainda de extrema importância preservar os saberes, é ele que desperta “um sentimento de identidade e de continuidade, contribuindo assim a promover o respeito pela diversidade cultural e a criatividade humana” (IEPÉ, p. 11, 2006). Após os bens imateriais ou intangíveis serem reconhecidos e se destacarem na Constituição Brasileira de 1988, foram criadas várias modalidades para classificá-los, como:

*“as tradições e expressões orais, incluindo a língua como veículo do patrimônio cultural imaterial; dança, música e artes da representação tradicionais; as práticas sociais, os rituais e eventos festivos; os conhecimentos e os usos relacionados à natureza e ao universo; as técnicas artesanais tradicionais.” (IEPÉ, p.10-11)*

Na ciência da Agroecologia, que visa impulsionar as mudanças no meio rural e na agricultura com a finalidade de assegurar a sustentabilidade ambiental, social e econômica (CAPORAL, 2004), pode também contribuir com fundamentos suficientes para que se estabeleça uma nova compreensão, o despertar da consciência ambiental, na qual só haja a exploração necessária dos recursos naturais de forma equilibrada com a capacidade de suporte do ambiente.

Desta forma, fica claro que é necessário manter o estudo de forma que haja o resgate e a valorização do saber tradicional cultural sobre o solo e o ambiente, buscando a inter-relação com o conhecimento gerado pelo meio científico e o local no qual estão inseridos para que possa haver uma reflexão dialogada.

A preservação da sociobiodiversidade é essencial para que seja alimentada a esperança na sustentabilidade das organizações humanas sobre este planeta, o que torna urgente que reconheçamos o patrimônio cultural representado por coletividades que vivem dentro de outra lógica de reprodução sociocultural, como aquelas que mantêm fortes vínculos com o meio natural.

### **2.3 A louça com barro: tradição, arte e sobrevivência**

Ao longo do processo civilizatório o homem descobriu que alguns tipos de solo, a exemplo do argiloso, podem ser usados não só para o cultivo de plantas, mas também como matéria-prima para a obtenção de materiais e fabricação de cerâmicas, que ganharam um papel notável como principal indicadora das práticas agrícolas remotas devido às suas características de conservação que, mesmo fragmentadas ao extremo, são detectadas facilmente (MARTIN, 1999).

Desde o Egito Antigo, a Grécia, o Império Romano e a China, assim como durante a Idade Média e o Renascimento, a arte de produzir artefatos cerâmicos vem se desenvolvendo, desde a porcelana mais delicada para a confecção de xícaras ou a cerâmica rústica usada para produzir telhas, uma variedade de produtos foi produzida durante milênios a partir da queima de misturas de diferentes tipos de barro, além de sua importância como material de construção (MARTIN, 1999).

O solo, especificamente a argila, é matéria prima usada para a confecção de artefatos artesanais desde priscas eras, de acordo com Vainsencher (2003), considera-se artesanato todo fruto de um trabalho predominantemente manual, feito com ajuda de ferramentas simples ou máquinas rudimentares, que se baseia em temática popular e utiliza a matéria-prima local ou regional.

Segundo o Programa de Artesanato Brasileiro (2012) o artesanato é uma das mais ricas formas de expressão da cultura e do poder criativo de um povo que na maioria das vezes, representa a história da comunidade e a reafirmação de sua autoestima. Nos últimos tempos, tem-se agregado a esse caráter cultural o viés econômico, com impacto crescente na inclusão social, geração de trabalho, renda e potencialização de vocações regionais (PAB, 2012).

O artesanato tradicional remete ao conjunto de artefatos mais expressivos da cultura de um determinado grupo, representativo de suas tradições e incorporados à vida cotidiana, sendo parte integrante e indissociável dos seus usos e costumes. A produção, geralmente de origem familiar ou comunitária, possibilita e favorece a transferência de conhecimentos de técnicas, processos e desenhos originais. Sua importância e valor cultural decorrem do fato de preservar a memória cultural de uma comunidade, transmitida de geração em geração, seguindo, ainda, a

Base Conceitual do Artesanato Brasileiro publicado pela portaria nº 29, em Outubro de 2010, pelo MDIC (BRASIL, 2010).

Na arte com barro são consideradas ceramistas locais ou louceiras as pessoas que atuam direta e regularmente na modelagem de cerâmica utilitária para venda durante a execução do trabalho de campo. São camponeses minifundiários cuja atividade produtiva concentra-se na policultura alimentar (“roçados”), cerâmica utilitária (louça de barro) e criação de pequenos animais, todas dependentes de mão-de-obra familiar. A louça de barro é modelada artesanalmente, sem torno, dentro das residências dos artesãos. A escolha dos recursos cerâmicos e a modelagem dos vasos são atribuições majoritariamente femininas (ALVES, 2005).

Assim, a produção de peças de barro se mostrou fundamental em diversos povos como identificação cultural, pois através dos desenhos, formas e tipo de materiais e processos utilizados na produção de cerâmicas podem-se fazer inferências a respeito das representações sociais e culturais não só em civilizações antigas da América do Sul, mas também na Europa, África, Ásia e Oriente Médio, constituindo-se como um importante setor econômico, seja em indústrias que utilizam tecnologias tradicionais ou inovadoras, ou como produto artesanal importante, em comunidades carentes, para geração de renda (SHREVE, 1977).

De fato, a cerâmica foi tão importante para o desenvolvimento da sociedade humana que o estudo de fragmentos cerâmicos é usualmente utilizado para a determinação de níveis culturais e organizacionais de sociedades pré-históricas. Dentre os utensílios de barro mais antigos fabricados pelo homem são cestos de vime recobertos de argila. Posteriormente, o homem descobriu que o calor fazia o barro endurecer, tornando-o resistente à água (NORTON, 1973).

Diversos estados do país mantêm larga produção de objetos de barro, que variam na composição dessa matéria-prima para produzir arte. No Nordeste, vários estados produzem artesanatos de barro, alguns com maior inclinação para o religioso ou decorativo, outros para o utilitário, existem muitas comunidades rurais espalhadas em vários municípios em que a arte se faz presente, sem que lhe seja dada visibilidade (VITAL, 2014).

A arte com a terra pela modelagem do barro para a elaboração de artefatos domésticos, destinados às múltiplas funções do cotidiano seja utilitárias, decorativas,

lúdicas ou religiosas, colaborando assim para o embelezamento, contribuindo para a tradição, a cultura e o empoderamento de comunidades mais distantes das decisões do poder (SILVA, 2013).

A confecção de louça de barro é um processo de baixo custo e impacto ambiental mínimo, que compreende produtos, técnicas e metodologias que visam à transformação social, favorecendo a organização das comunidades, desenvolvendo a criatividade e ocasionando a melhoria da autoestima dos envolvidos, além de proporcionar alternativa de renda (VITAL, 2017).

A tradição de fazer painéis de barro é indígena, mesclada com as artes africanas, e chegou até nossos dias por meio de uma técnica que vem sendo passada de geração após geração. Esse trabalho da confecção dos painéis de barro é essencialmente feminino, sendo dadas aos homens as atividades auxiliares, como a retirada e transporte da argila (ALMEIDA, 2003).

Afirma Vitorino (2013) que há registros de ceramistas da região do Alto do Moura que são conhecidos como artesãos por exercerem uma prática de ofício de trabalhos manuais, alguns desses artesãos populares, apesar de não serem de uma cultura erudita, merecem ser destacados como artistas, por irem além dos trabalhos manuais e criarem um repertório carregado de habilidade artística. Um deles é Mestre Galdino, que buscava na cerâmica um processo de criação, em que a originalidade e a criatividade eram determinantes em seu trabalho.

O estudo da atividade da confecção da louça de barro fortalece as práticas de valorização do uso não agrícola do solo e da figura do artesão, cuja profissão foi oficialmente reconhecida recentemente (Lei 13.180/2015). Dentre as diretrizes da referida lei, contam a qualificação permanente e o estímulo ao aperfeiçoamento dos métodos e processos de produção, o apoio comercial, a certificação da qualidade do artesanato, agregando valor aos produtos e às técnicas artesanais e a divulgação do artesanato, ações que são também focadas na presente proposta (BRASIL, 2015).

Apesar da tradição secular, a sobrevivência do artesanato da panela de barro depende de diversos fatores, dentre eles, os socioculturais e políticos, sendo este último de maior relevância para a continuidade da tradição.

## **2.4 A intimidade com a terra nas etapas da atividade cerâmica**

A fabricação da louça é feita de forma manual, a alquimia da terra, seguindo a técnica tradicional que as mulheres aprenderam com suas mães e avós. Em pesquisa Cavalcanti (1975) apresenta o fabrico da louça de barro como um mecanismo de impedimento da migração, pois nos períodos de seca, a venda da louça mantinha o sustento da família. Atualmente o fabrico da louça continua sendo um elemento importante para a sobrevivência de algumas mulheres e suas famílias no ambiente da cidade.

Os saberes costumam ser transmitidos, pelas gerações anteriores, no ensinamento prático, pela observação, feitos ainda na infância e na adolescência (LIMA, 2006). Quando relatam a aprendizagem, as louceiras registram a importância do trabalho dos mais velhos para a sua iniciação no ofício.

A mistura de quantidades variadas de argilas e materiais amorfos, por vezes contendo também húmus, é chamada de barro ou argila, quando o teor de água é alto (CHAGAS, 1997). A facilidade em modelar o barro antes da queima, tornou-se uma importante ferramenta para o ser humano desenvolver os mais variados objetos cerâmicos, que foram de utensílios para o preparo e conservação de alimentos, instrumentos musicais, até urnas funerárias (SHREVE, 1977).

Os movimentos que se repetem sem cessar caracterizam os trabalhos das louceiras. A força da mulher caririzeira mostra-se nas formas que tecem peças de barro como parte da cultura do Estado. A argila do ambiente semiárido caririzeiro é a matéria prima para confecção das panelas, vasos, jarras, bonecas e pratos de barro.

O cotidiano dessas mulheres é coletar argila, mexer no barro, moldar as peças e fazer arte. O processo criativo do trabalho com o barro passa por várias etapas e procedimentos empíricos. Primeiramente é feita a identificação do barro propício à tarefa, em barranco geralmente localizado nas imediações das comunidades das louceiras.

A argila é utilizada sem qualquer alteração da sua constituição original. Essa argila apresenta-se compacta, sendo formada por feldspato, mica, argilitos, areias e grânulos de quartzo e gnaisse. Tecnicamente, pode ser classificada como grosseira pela visualização de fragmentos de rocha e por conter certa quantidade de matéria orgânica.



Após coletada, a argila passa por um tratamento manual no local de extração para uma primeira eliminação de matéria orgânica e dos grãos de areia mais grossos. Depois de retirada a argila é imersa em água e batida para ser guardada em compartimentos apropriados, sendo hidratadas, quando necessário.

Para a “modelagem” das peças as artesãs retiram uma quantidade de barro suficiente para macerar e moldar; vão amassando a argila hidratando-a, quando necessário, para obter uma melhor plasticidade. Nessa oportunidade, retira-se da argila as impurezas que vão aparecendo. O procedimento continua por tempo suficiente, segundo o saber de cada artesão e após é feito uma abertura no centro do núcleo e nesse ato é definido o formato da peça. A partir daí, modela-se o objeto com uma série de movimentos, inicialmente usando as mãos.

A peça começa a tomar os contornos desejados, ato que as paneleiras chamam de “puxar a panela”, porque ela é constantemente alisada ainda pelas mãos e depois por diversos tipos de materiais, como casca de coco, pedaços de telhas ou espátulas de madeira.

Ao longo do processo as louceiras controlam a espessura da peça e as sobras vão aparecendo na parte da borda e são constantemente retiradas e reintroduzidas no corpo da panela. Para o acabamento, principalmente da borda, são usados os dedos para um alisamento perfeito e determinação da espessura. Nessa etapa é verificado se dentro da argila encontram-se bolhas de ar. Depois a peça é colocada para secar e eliminar o máximo de água da argila.

Depois de seca à sombra, a peça passa pelo processo de raspagem e alisamento feito com um seixo rolado, casca de coco ou pedra de rio, passado com certa pressão na superfície das peças para eliminar as saliências provocadas pela grande quantidade de areia da argila. Os grãos de areia maiores, visíveis na superfície, são retirados e os outros fixados na pasta pela pressão do seixo rolado. Os sinais desse alisamento são bem visíveis depois da peça pronta.

Logo após essa etapa, as peças são colocadas novamente para secar, ficando então prontas para a queima. Todo processo da queima se dá ao ar livre e é realizado quando duas ou mais paneleiras possuem peças para queimar. A temperatura do forno no ato da queima ao ar livre não ultrapassa os 400<sup>o</sup> C. Prepara-se o forno onde são colocadas todas as peças secas. À medida que a

madeira vai sendo queimadas as panelas são retiradas ainda quentes, com um gancho com terminal metálico e imediatamente limpas e colocadas em ambiente arejado. Durante o processo da queima algumas panelas se quebram, mas é rara a quebra de panelas devido à má preparação da argila, principalmente de seu amassamento.

## **2.5 Estudos de percepção**

O estudo da percepção ambiental surge como elemento que possibilita a compreensão do indivíduo da sua relação com o meio ambiente, utilizando os recursos naturais de forma sustentável e tem se destacado como fenômeno que associa a psicologia com a sociologia e a ecologia, auxiliando na compreensão das expectativas, satisfações e insatisfações da população no tocante ao meio ambiente e aos ecossistemas, relacionados à qualidade de vida e bem-estar social (OKAMOTO, 1996).

O termo da percepção é definido na maioria dos dicionários da língua portuguesa como: ato ou efeito de perceber; combinação dos sentidos no reconhecimento do objeto; recepção de um estímulo; faculdade de conhecer independentemente dos sentidos; sensação; intuição; ideia; imagem; representação intelectual (MARIN, 2008).

Para Trigueiro (2003) a percepção ambiental foi definida como sendo uma tomada de consciência do ambiente pelo “homem”, ou seja, perceber o ambiente que se está localizado, aprendendo a proteger e cuidar dele da melhor forma possível.

Mendes (2006) aponta que os primeiros estudos referentes a percepção ambiental surgiram nos fins da década de 1950 e início da década de 1960, advindos da intensa preocupação em conhecer e tentar explicar como e quais eram as atitudes e valores atribuídos por determinada população ao que se referia sobre conhecimentos de questões ambientais. Atualmente é um tema recorrente que busca contribuir e colaborar para a consciência e prática de ações individuais e coletivas.

Nesse contexto, o estudo da percepção ambiental tem sua relevância na possibilidade de se compreender melhor as interrelações entre o homem do campo e o ambiente, suas expectativas, suas satisfações e insatisfações, julgamentos e condutas (PACHECO e SILVA, 2007).

A avaliação da percepção dos agricultores e artesão sobre sua relação com o solo é de grande importância uma vez que observar a racionalidade ambiental dos diferentes grupos em seus respectivos sistemas de produção e criação se constitui em importante subsídio à construção de agroecossistemas mais sustentáveis e de possibilidades de empoderamento das comunidades (MARTINEZ et. al., 2013).

Nesse sentido, o sujeito toma a consciência da sua realidade, de modo pelo qual possa relacionar-se melhor com a natureza sem prejudicar a necessidade do presente e da futura geração.

Com isso, o indivíduo tem papel fundamental para resoluções dos problemas ambientais na sua comunidade, local ou global. Tendo percepção e compreensão do seu meio, incentiva-o a participar, buscando soluções sustentáveis para as questões da sua realidade, incentivando-o a participar da sua comunidade, buscando soluções para melhoria do seu ambiente. Contudo, a percepção ambiental tem papel importante para a sustentabilidade econômico, social, ambiental, e cultura, por facilitar o entendimento de fatores que contribuem para a melhoria da qualidade social, ambiental e econômica de uma realidade (OLIVEIRA, 2006).

### 3 MATERIAL E MÉTODOS

#### 3.1 Caracterizações da pesquisa

A investigação foi baseada no registro etnográfico tendo como fundamento a perspectiva de D'Ambrósio (2005) e Vergani (2007), como prática da Ecologia de Saberes, que segundo Santos (2008) deve ser compreendida como uma forma de extensão ao contrário, “[...] de fora para dentro da universidade”, constou de um estudo de caso, de natureza qualitativa que adotou a pesquisa de campo, com observação *in loco* e a entrevista como forma de investigação (GIL, 2008).

Optou-se pela utilização de entrevista não-estruturadas, que viabilizam liberdade ao pesquisador, para ir além das respostas, de uma maneira que pareceria prejudicial para as metas de padronização e comparabilidade. Neste método, o entrevistador pode buscar tanto o esclarecimento quanto a elaboração das respostas dadas, pode registrar informação qualitativa sobre o tópico em questão (MAY, 2004).

As observações *in loco* ocorreram nos anos de 2017 e 2018 no barreiro da comunidade do Ligeiro de Baixo, onde foi possível catalogar imagens e vídeos de várias etapas, desde o momento da extração da argila ou barro, como as louceiras moldam as peças, levam para secar e a forma como realizam a queima da louça.

As entrevistas também foram instrumentos de pesquisa importantes para o resultado dessa pesquisa, na qual as louceiras puderam falar sobre a tradição do criar-saber-fazer da louça utilitária e outras peças.

Num levantamento inicial de campo, 05 “louceiras” foram visitadas em suas residências, o que representa 100 % do total de ceramistas locais. Nessas ocasiões, essas artesãs foram solicitadas a falar livremente sobre sua experiência na elaboração da “louça de barro”. Em um segundo momento, as entrevistas concentraram-se mais nos aspectos pedológicos da cerâmica local, no qual foram então questionados sobre os nomes dos materiais de solo relacionados com “louça de barro”, e os critérios usados por elas para reconhecer, distinguir e manipular esses materiais. As entrevistas realizadas no ambiente doméstico foram guiadas posteriormente aos locais de coleta de solo para mostrar, com atenção especial,

quais os “barreiros” fontes da matéria prima. Todas as informações obtidas foram registradas para posterior transcrição, sistematização e análise.

### **3.2 Caracterizações da área de estudo**

O município de Serra Branca instalado no interior do estado da Paraíba encontra-se encravada no Semiárido brasileiro nordestino, na Microrregião denominada de Cariri Ocidental. Conforme dados do IBGE (2010), conta com uma área territorial de 738 km<sup>2</sup>, ficando 238 km de distância da capital do estado. Sua população foi estimada pelo IBGE (2010) em 12.973 habitantes. De clima semiárido quente, tem temperaturas que variam entre 18° a 35°C.

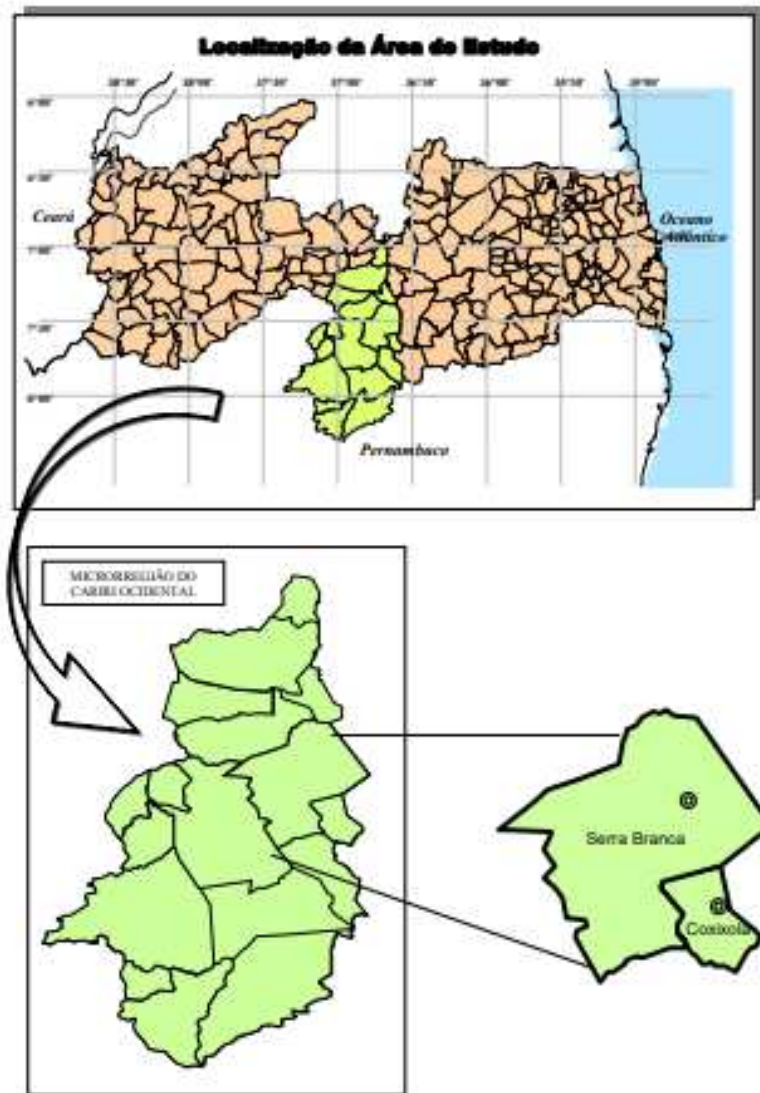
Conforme Sousa (2008), Serra Branca está situada no 8° lugar em extensão territorial no estado da Paraíba. Limita-se ao norte com os municípios de São José dos Cordeiros e Parari; a leste com São João do Cariri; a oeste com Sumé e ao sul com os municípios de Coxixola e Congo. Esta região em seus primórdios era habitada pelos índios Sucurus, tribo que era diretamente ligada aos índios da etnia Cariris, considerados hábeis oleiros, denominação que dá nomenclatura a toda essa região geográfica (Figura 1).

Na economia local há registros de valor do rendimento nominal médio mensal dos domicílios da zona rural em torno de R\$ 877,72 e da zona urbana em R\$ 1.152,59 (IBGE, 2010). A economia baseia-se na agricultura de subsistência, comércio e principalmente no funcionalismo público. As principais culturas são milho e feijão. Na pecuária predomina a criação de caprinos e ovinos. Existe também uma pequena indústria de beneficiamento da castanha de caju na comunidade das Duas Serras (zona rural). Podemos observar também o crescimento da Piscicultura artesanal (com uma associação de pescadores) e da Apicultura em pequena produção (IBGE, 2010).

A vegetação dominante na região é a caatinga, com ocorrência de caatinga hiperxerófila e caatinga hiperxerófila arbustiva aberta, com presença de plantas espinhosas, cactáceas e bromeliáceas. O relevo apresenta-se com forma suave ondulado a ondulado, com declives variando de 2 a 12 %, vertentes longas e índice

erosivo bastante acentuado devido à ação antrópica. Á sudoeste da área de estudo o relevo é considerado ondulado a forte ondulado, sendo em alguns pontos considerado montanhoso (BRASIL, 1972).

**Figura 1 - Localização do município de Serra Branca em relação à microrregião em que se encontra inserido e ao estado da Paraíba**

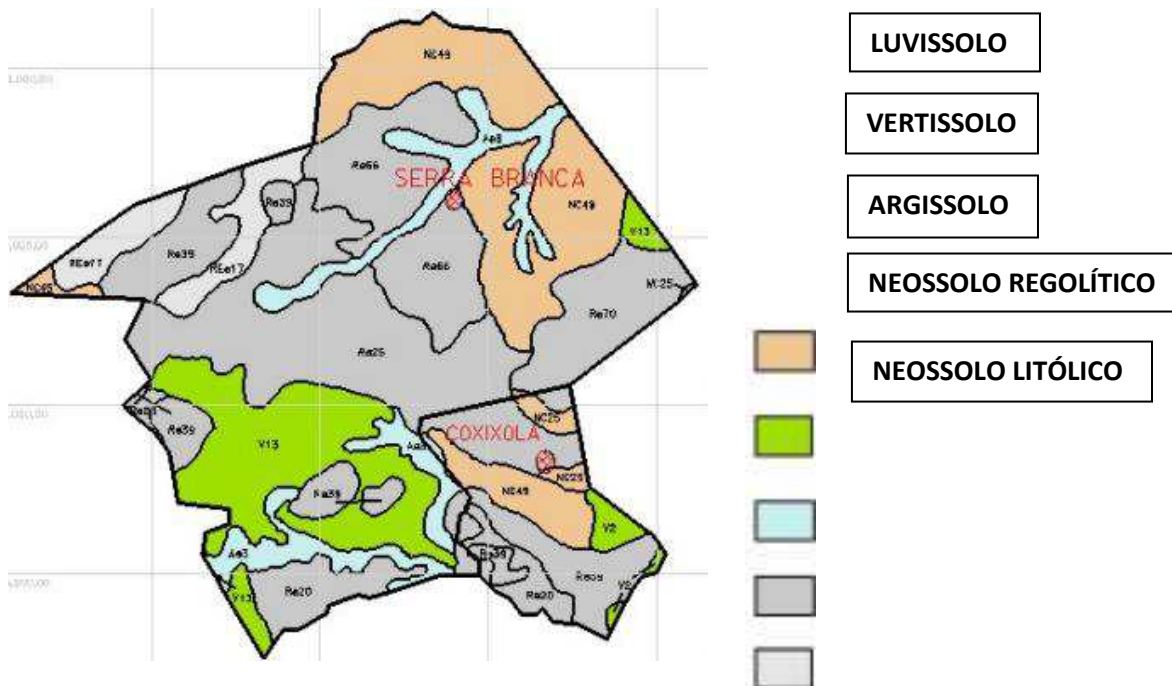


Fonte: Plano Estadual de Recursos Hídricos da Paraíba – PERH-PB, 2006.

Quanto aos solos, de acordo com Brasil (1972) e Paraíba (1978), os principais solos encontrados nos municípios em estudo, conforme mostra a Figura 2, são, fazendo-se a equivalência com o atual Sistema Brasileiro de Classificação do Solo

(EMBRAPA, 2013), os Luvisolos com manchas, Vertissolos, Neossolos, Planossolos, Argissolos e Afloramentos de Rochas.

**Figura 2. Mapa de reconhecimento de solos.**



Fonte: Brasil (1972), Paraíba (1978) - adaptado

### 3.2.1 As louceiras do Ligeiro de Baixo

Esta pesquisa foi desenvolvida com as cinco louceiras da comunidade rural do Ligeiro de Baixo, considerada subdistrito do município de Serra Branca, estado da Paraíba, representantes de um conhecimento tradicional com características singulares desde o processo de construção das peças até a ornamentação, envolvendo diferentes saberes em sua sistematização e execução, transmitida oralmente ao longo de gerações e agora ameaçada de extinção.

A comunidade rural do Ligeiro de Baixo é formada por, basicamente, famílias de agricultores, camponesas, de origens quilombolas, com parentesco próximo entre

si, destacando-se pelo seu solo, argiloso, derivando a arte com o barro e tendo, em sua maioria, as mulheres no domínio desse ofício. Dados encontrados, pelo Censo de 2010, registram apenas 116 endereços encontrados nessa comunidade, onde 59 são domicílios particulares, 43 estabelecimentos agropecuários e 01 de ensino (escola), 13 estão destinados a outras finalidades (comercial, religioso, em construção, entre outros), com estimativa de 183 moradores e rendimento médio de R\$ 263,52 (IBGE, 2010).

**Figura 3. Ambiente típico das louceiras, com visão para o forno usado para o cozimento das peças de barro.**



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora. 2017.

Durante a pesquisa as louceiras falaram de sua rotina, da elaboração, das diversas etapas da produção artesanal, que vão desde a identificação do barranco e a coleta do solo até a cocção e, posteriormente, a comercialização dos produtos, dos nomes das peças que as auxiliam a distinguir e manipular esse material.



## **4 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **4.1 O cotidiano das louceiras: identificação e coleta do barro; preparo e confecção das peças**

Importante é atentar para o fato de que, aos olhos das louceiras, o barranco onde coletam seu barro é muito mais do que uma extensão de terra cheia de escavações, como possa parecer: revela “o rastro” de quem esteve antes lá, que quantidade de barro levou e quanto tempo faz, com base nos sinais deixados pelos buracos feitos. Quando encontram um bom barranco, como costumam dizer, algumas louceiras chegam a “esconder” o lugar com galhos e plantas rasteiras, para evitar que seja remexido ou escavado.

Não é qualquer barro que serve para fazer louça. O teste se dá ao esfregar o barro entre os dedos polegar e indicador, para sentir a textura e a liga, além da observação de aspectos como a presença de areia (LIMA, 2006; LEPSH, 2002).

Ao chegar ao barranco a louceira naturalmente faz uma ‘leitura’ do lugar a ser escavado e do barro que será retirado, revelando que o aprendizado e a experiência vivida emergem no momento de realizar tal escolha, evidenciando assim a alquimia e a identificação com o barro, que junto com o olhar percuciente e cuidadoso, as mãos dessas “fadas do barro” que carregam consigo toda a sua ancestralidade e magia que dão a forma exata para a confecção da peça, que se molda de acordo com a individualidade de cada uma, pois cada peça, mesmo chamadas com o mesmo nome não é feita igualmente, elas se identificam na fabricação de cada peça sua e da outra louceira também e reconhecem as peças saídas de suas mãos em qualquer local.

Num levantamento inicial de campo, foram visitadas as residências das cinco louceiras, que são reconhecidas como as artesãs do barro na comunidade do Ligeiro de Baixo: Quitéria e Elizabete (mãe e filha), Maria José, Veralúcia e Maria de Fátima. Após a apresentação da proposta do trabalho e explicações necessárias, as louceiras deram sua aquiescência e anuência para a realização das atividades de acompanhamento e demais procedimentos da pesquisa. Ao longo da discussão, as louceiras serão identificadas em suas respostas, pelas iniciais A, B, C, D e E.

O cotidiano das mulheres que agregam sua renda mensal com o fabrico da louça de barro segue um ritmo muito simples: logo de manhã cedo elas saem de suas casas, vão para o campo, quando é necessário fazer a coleta, ou passam todo o dia confeccionando as peças de barro, em algum cômodo da casa que foi determinado para essa atividade. No final da tarde, ‘de tardezinha’ como elas mesmas dizem, é o horário que elas encerram sua atividade de louceira, por volta das 17 horas, muitas vezes com peças ainda para serem finalizadas no dia seguinte. A maioria coleta o barro para suas atividades sempre que surge demanda, armazenando uma quantidade necessária para o trabalho da semana inteira.

A identificação do solo adequado, o barro, o barranco de onde retiram a matéria prima é de imediato reconhecido, só com o olhar. Algumas das louceiras usam uma vara de marmeleiro com o qual batem nas camadas do perfil (barranco). Todas foram unânimes em afirmar que com a experiência adquirida, hoje por onde elas andam, são capazes de reconhecer o solo ideal.

Todas necessitam agregar outro tipo de argila ao barro de sua área de coleta, geralmente situada nas imediações de seus sítios. Esse outro barro se encontra disponível em outras propriedades ou na serra. Esse material as louceiras usam para adicionar ao barro que utilizam e é retirado da sua própria área. Essa necessidade, segundo as louceiras, é para que o material se fortaleça, dando a liga necessária ao barro mais duro, ficando mais resistentes a quebras ou rachaduras. Essa etapa da confecção da louça de barro é mais trabalhosa, pois é preciso ser trazido maior quantidade de barro do que as retiradas nas proximidades da casa de cada uma. Nessa etapa entra em cena a presença masculina para o transporte desse solo e para que não seja frequente a retirada.

Mattos (2001), em seu estudo sobre os ceramistas do vale do Jequitinhonha, usa o gênero para mapear valores e falar em masculinidades e feminilidades como “atributos tanto de homens quanto de mulheres”. Para a autora, a arte do barro pode incorporar valores de masculinidades e presença de homens sem deixar de ser uma atividade transmitida pela ação feminina, que remete às diferenças de gênero.

Em conformidade com esse pensamento, nos estudos com ceramistas do Córrego de Areia (MENDES, 2008) argumenta que a mobilidade das categorias é percebida quando as mulheres executam tarefas consideradas “pesadas” e,

consequentemente, vistas como pertencentes ao universo masculino, como partir lenha ou bater o barro.

A arte do barro sempre ocupou o espaço da casa e continua a ser desenvolvida junto com os afazeres doméstico, aliada às atividades da agricultura e pecuária, pois todas as louceiras são também agricultoras. Os familiares participam das atividades e do ritmo da produção e do convívio diário.

Na imitação dos gestos da mãe as crianças vão sendo socializadas no “mundo do barro” e o repasse da tradição vai acontecendo, pouco a pouco, de forma simples e natural para quem está envolvido na produção. Connerton (1993) considera essencial a existência de “modelos vivos”, ou seja, referências para aqueles que ainda estão iniciando o processo de aprendizado. Uma louceira não se faz rapidamente, demora anos e aprende na observação ativa, na imitação da arte.

Orgulhosamente as louceiras contam ter aprendido a arte com as avós e mães, mas se entristecem ao falar sobre a ausência de sucessoras, uma vez que as descendentes alegam ser uma “profissão sem futuro”, não querendo repetir os mesmos passos. Percebeu-se que as louceiras, embora tenham imensa satisfação e orgulho de sua atividade, do ‘status de seu saber-fazer’, pela ação criativa e plena de habilidade em manipular o barro, representando o valor simbólico do solo e da arte na vida dessas mulheres artesãs-agricultoras, expressam as tensões geradas pela desvalorização da atividade com barro enquanto gerador de trabalho e renda e incentivo à preservação da cultura local.

## **4.2 Perfis das louceiras e a percepção sobre sua arte**

### **4.2.1 Perfil social**

São cinco as mulheres louceiras do Ligeiro de Baixo, todas com idade acima de 55 anos. A louceira com mais idade em atividade, atualmente encontra-se com 91 anos, sendo bastante participativa na produção das cerâmicas, inclusive na comercialização das peças em feiras das redondezas do município de Serra Branca.

Além do artesanato, ainda executa algumas atividades como agricultora, retirando ração para a criação e plantando quando possível.

De acordo com Santos (2016) em sua pesquisa na comunidade das louceiras de Maruanun (AP), as louceiras também estão com idade mais avançada, evidenciando que a atividade não tem sido renovada com a participação das mulheres jovens, que tem buscado novas oportunidades de inserção no mercado. Essa situação se repete na comunidade do Ligeiro de Baixo (Serra Branca - PB) e evidencia uma preocupante situação para com uma atividade artística tradicional, em função do envelhecimento das louceiras e a total ausência de perspectivas de continuidade da arte (Figura 4).

**Figura 4. A autora com a louceira mais velha da comunidade.**



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora. 2017.

Essa situação remete-se à temática de sucessão da atividade, nesse caso, muito preocupante, dada a ausência de interesse das meninas e meninos da comunidade em continuar, perpetuando a arte, a alquimia da terra. Segundo Tondo (2008), a sucessão faz parte de um processo natural de todas as organizações ou serviços que se perpetuam. Diversos fatores como, doenças, envelhecimento ou

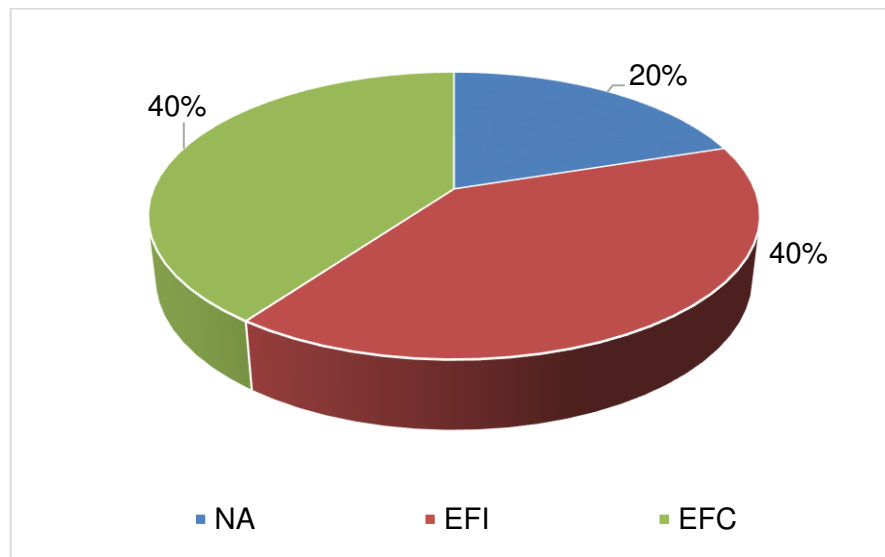
morte fazem com que antigas lideranças precisem ser substituídas. Para Costa (2011), Ricca (2007) e Leone (2005), a sucessão familiar acontece quando uma geração abre espaço para que outra assuma o comando.

As artesãs não estão ligadas a associações da atividade com a louça de barro ou ceramistas, participam apenas do sindicato rural enquanto agricultoras. Esta situação, segundo as mesmas, deveu-se a uma dificuldade de entendimento quando foi proposto inicialmente, a implantação do Pacto Novo Cariri, que trouxe o projeto ARCA (Associação dos Artesãos do Cariri Ocidental), juntamente com o programa “A Paraíba em suas mãos”, parceria entre o Governo do Estado e SEBRAE, a partir do ano 2000, buscando gerar desenvolvimento local e sustentável para essa classe. Relatando-nos, elas, sentiram a preferência por trabalhos específicos de uma das louceiras participante do projeto, excluindo-as das exposições em eventos e feiras de artesanato de outras localidades, foi o que as desestimularam em permanecer no projeto, ocasionando a saída das restantes do citado projeto.

Da mesma forma nenhuma delas recebe assistência técnica, nem ligada ao setor agrário, nem às atividades artesanais. A produção feita pelas louceiras, além da dimensão econômica, possui expressão cultural, expressando mitos, rituais, saberes, reforçando sua identidade como artesã na comunidade local. Embora a atividade tenha um notório reconhecimento social e cultural, com relação a atuação governamental não recebem acompanhamento ou assessoramento das atividades por parte de nenhum órgão estatal, o que é de estranhar pois, na estrutura do governo há órgãos que são capazes de cumprir essa função, como a Secretaria de Estado da Cultura, em âmbito estadual e, ainda a Superintendência Regional de Trabalho e Emprego (SRTE), em âmbito federal (SANTOS, 2016).

Quanto ao grau de instrução, verificam-se no Gráfico 1 que as mesmas não tiveram muitas oportunidades de escolaridade, em função da necessidade de ajudar os pais em atividades agrícolas ou mesmo na atividade com o barro.

**Gráfico 1 - Grau de instrução/escolaridade das entrevistadas.**



\*NA (Não alfabetizado) EFI (ensino fundamental I) EFC (Ensino fundamental II)

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

Estudando o perfil socioeconômico de artesões do barro do município de Tracunhaém – PE, Imbana et. al. (2016), verificaram que 59% dos entrevistados tiveram acesso apenas ao ensino fundamental incompleto.

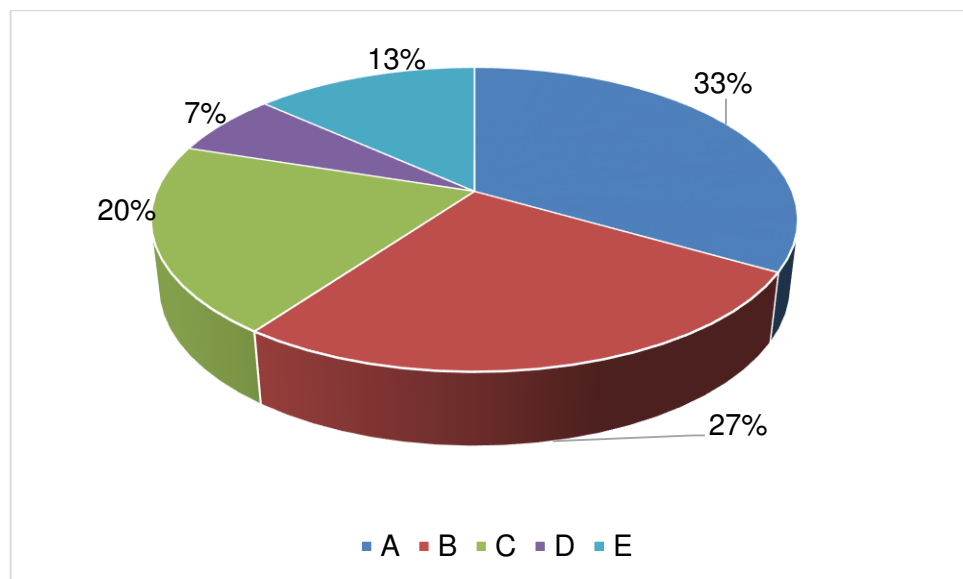
As louceiras afirmaram que a atividade foi herdada das mães e que estão na arte desde tenra idade. Para Acselrad (2011) a transmissão de saberes se articula em duas dimensões, uma envolvendo o contexto cultural e histórico e a outra à capacidade dos agentes das culturas populares e tradicionais em desenvolver sua criatividade, inclusive para garantir a manutenção e a evolução da tradição.

No processo artesanal de produção das louças percebe-se que a transmissão desses saberes acontece por observação, não existindo uma metodologia formal para estabelecer o aprendizado, considerando a afirmação das artesãs de que este conhecimento não pode ser ensinado, pois as outras pessoas não aprendem se não vivenciarem o cotidiano do barro. Chalub Martins (2002) citando Bosi (1994) afirma que a memória não é sonho, ela é reconstruída pelo presente, marcada pelas experiências vividas e transformadas ao longo do tempo, ou seja, “[...] assim, reafirma a estreita relação entre a vida de hoje e o processo de reconstrução do passado” (CHALUB MARTINS, 2002).

Quase todas as louceiras da pesquisa em pauta casaram nova, pouco frequentaram a escola, tiveram muitos filhos, vivem dificuldades semelhantes, em uma região de escassez em recursos hídricos, na agricultura e pecuária, no transporte que vão desde a coleta do barro até a comercialização das peças. Geralmente, as famílias moram perto ou estão morando perto das louceiras identificadas na pesquisa. Como se trata de uma comunidade rural, cujo parentesco ou descendência são próximos entre si, eles se tornam uma só família. Pois, em cada residência encontramos grau de parentesco entre si, de avó, de mãe, de tia, de irmã, primas.

No gráfico 2 representa-se a composição das famílias das louceiras. A louceira “A”, tem família composta por 5 pessoas, todos adultos; a louceira “B”, também, tem a família composta por 4 adultos; na “C”, a família é mais numerosa, com 4 adultos e 6 crianças; na “D” há 1 pessoa (viúva) com 6 filhos, mas todos em suas casas e por fim, na “E”, composta por um casal.

**Gráfico 2 - Número de familiares das entrevistadas; as letras identificam as louceiras.**



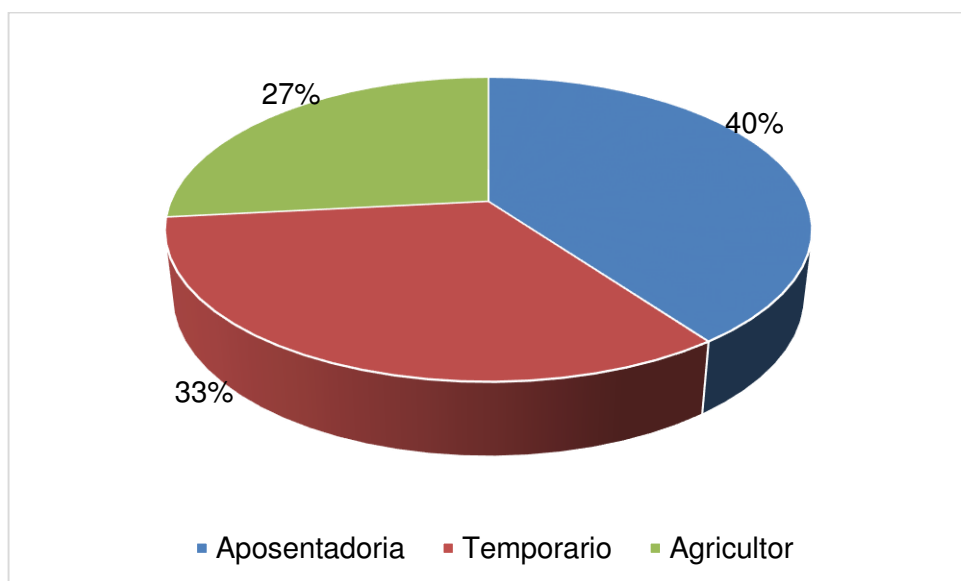
Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

A renda pessoal e familiar com o trabalho de barro representa muito pouco para as louceiras e todas elas precisa complementar a renda com a aposentadoria

(33%), agricultura (40%) ou trabalho temporário, na prestação de serviços (27%), vindo de si ou dos membros da família (Gráfico 3). Por serem mulheres com idade acima de 50 anos, algumas já estão aposentadas e seus companheiros também, recebem o valor referente como agricultores. As filhas adultas e casadas, de algumas delas, recebem os benefícios de direito aos seus filhos, completando a renda mensal com diárias de faxina. E filhos jovens, rapazes, que ainda estudam, conseguem algum trabalho temporário, como serventes de pedreiro ou em outras tarefas referente à agricultura.

Faria (1989) contextualiza a questão social no Brasil afirmando que ela está relacionada à existência de uma estrutura extremamente complexa de exclusões sociais, discriminações, desigualdade, vulnerabilidades, resultantes de um longo processo histórico. Nele, alguns grupos nunca conseguiram se beneficiar do vigoroso desenvolvimento que ocorreu no Brasil. Estes grupos seriam o de pequenos proprietários de terra empobrecidos, situação de discriminação ancorada no nosso passado colonial e na persistência de uma perversa estrutura fundiária; a população negra discriminada, herança de nosso passado regime de escravidão; e certos grupos que vivem abaixo da linha da pobreza, sempre vulneráveis.

**Gráfico 3. Tipologia de ocupação dos membros da família das entrevistadas.**



Fonte: Dados da pesquisa, 2018.



#### 4.2.2 Percepção da atividade

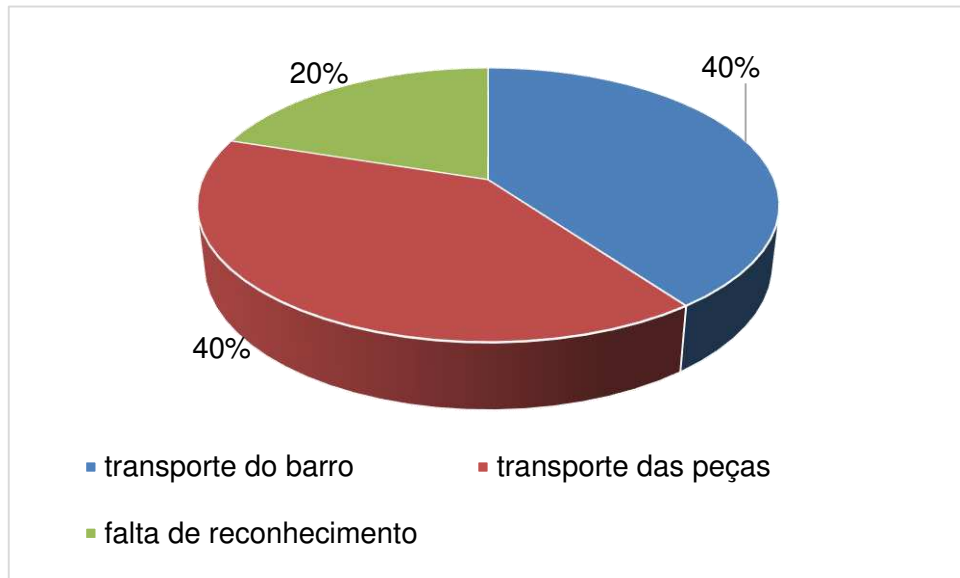
Perguntou-se às louceiras quais as maiores dificuldades encontradas na condução de sua arte/atividade. Segundo elas (Gráfico 4), os principais limitadores estão no transporte do barro, retirado do barreiro e levado até o local para onde vai ser preparado até o ponto de manuseio para a fabricação das peças, pois a retirada necessita ser em quantidade suficiente a ser armazenada, tendo em vista as condições climáticas do local, quente e seca, causando exaustão se repetida frequentemente. Esta é uma atividade feita, geralmente, pelos homens da família, exigindo força braçal para a retirada e transporte do barro.

Dificuldade que se estende, também, para o transporte das peças produzidas e prontas para a comercialização nas feiras livres onde cada uma as expõe. As peças necessitam serem armazenadas e transportadas de maneira que não causem quebras ou rachaduras, favorecendo perdas. O ideal seria que as artesãs tivessem um local, dentro da área da feira local que pudessem armazenar as peças e, assim, não ser mais necessário trazer de volta para casa, todas as peças, novamente.

Não perceber o valor da arte na peça da louça de barro, presenciar a falta de reconhecimento do trabalho feito, manualmente, em cada peça exposta à venda pelas pessoas que circulam na feira, é para algumas dessas louceiras, desanimador, causando muitas vezes, um desencanto. Enquanto que para outras, é desafiador e necessário que sua arte fique exposta, não importando de que forma. Em algum momento, ela (a peça de barro) será observada, admirada e comprada, passando a fazer parte de outro ambiente, e de certa forma, imortalizando cada uma delas que não desistiu dessa arte.

Na Figura 8 são apresentados os principais limitadores, sendo o transporte do barro do local de coleta e das peças para a comercialização, os principais problemas, todavia a falta de reconhecimento (20%) é um limitante apontado pelas louceiras, que mencionam que não há interesse no poder público de estabelecer um espaço apropriado nem na cidade, nem na feira, para a exposição das peças. Na pesquisa de Imbana et. al. (2016), os principais problemas apontados pelos artesãos na atividade do barro citados pelos ceramistas foram a aquisição da lenha (51%) e do barro (27%).

**Gráfico 4. Dificuldades apresentadas pelas entrevistadas sobre sua arte.**



Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

Com relação á confecção das peças, as louceiras não apontam dificuldades propriamente ditas, por exemplo, para o cozimento destas, pois elas fazem uso de gravetos de lenha de espécies da caatinga, mas como a quantidade ou demanda das peças é reduzida, o material não é retirado da mata, buscando-se gravetos ou achas de lenhas depositadas pelo chão (Figura 5).

**Figura 5. Material lenhoso usado para queima das peças de barro.**



Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

Segundo Brito (2007), a lenha historicamente sempre ofereceu a contribuição para o desenvolvimento da humanidade, tendo sido sua primeira fonte de energia, inicialmente para aquecimento e cocção de alimentos. Ao longo dos tempos, passou a ser utilizada como combustível, em processos para a geração de energia.

Observou-se que a percepção sobre a dependência de recurso natural como a lenha em relação a preocupação com o meio ambiente, ainda é incipiente, mesmo em função da reduzida quantidade utilizada. Situação diferente dos ceramistas de Tracunhaém (PE), cuja tradição centra-se na utilização de lenha para alimentação dos fornos das cerâmicas, e que provocou uma drástica redução na vegetação local e tende a se agravar, caso medidas urgentes não sejam viabilizadas (SILVA et. al., 2007).

A extração e o transporte do barro, bem como a colocação das peças no forno é tarefa que tem a participação dos homens da casa, mas é feita sob a supervisão das louceiras, iniciando-se pelas peças maiores, que demoram mais tempo pra ficar prontas e colocando-se por último as peças pequenas, que ficam prontas em até meia hora. A rotina é exaustiva e muitas vezes, solitária. As louceiras precisam de água para suas atividades de rotina, sejam domésticas, agrícolas ou da cerâmica, mas nenhuma tem acesso a poço, embora esta seja uma antiga reivindicação (Figura 6).

**Figura 6. Rotina de trabalhos das louceiras do Ligeiro de Baixo (Serra Branca - PB).**



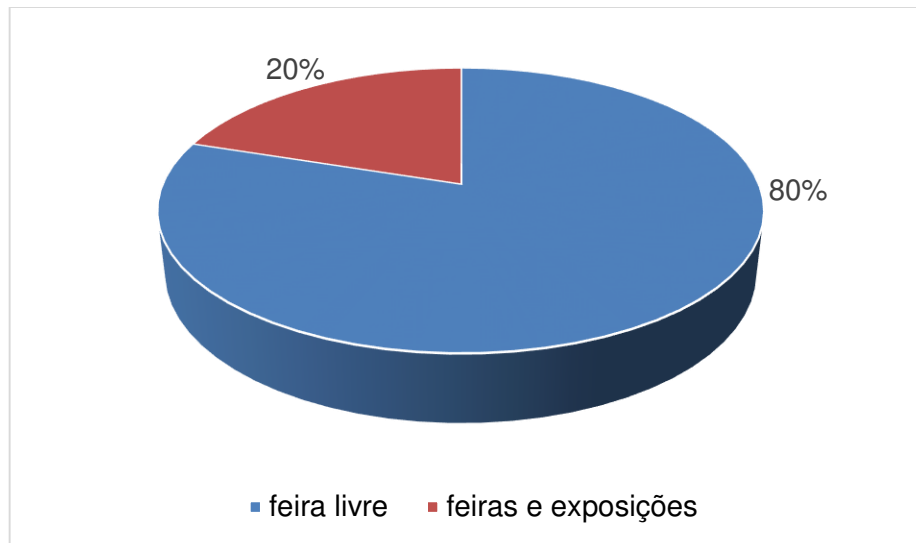


Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

A comercialização das louças (Gráfico 5) é feita individualmente por cada louceira, cada uma se incumbendo de vender suas cerâmicas. As louceiras tendem a serem presentes somente em sua comunidade, longe dos grandes centros onde elas se incumbem de vender suas próprias cerâmicas. E cada feira local das redondezas (São José dos Cordeiros, Serra Branca, Sumé e Monteiro) disponibilizam espaços reservados para as louceiras de barro, do Ligeiro de Baixo, expor para a venda.

O ideal seria que as artesãs tivessem um local, dentro da área da feira local que pudessem armazenar as peças e, assim, não ser mais necessário trazer de volta para casa todas as peças, novamente.

A exposição das peças feitas em feiras, salões de artesanato, compradas para compor cenário de filmes na mídia nacional, e até exposta em alguns países do exterior, ficou para só uma das artesãs que teve esse privilégio e reconhecimento. Talvez por ser a única que possui a carteira de artesã reconhecida pelo SEBRAE – PB (Gráfico 5) .

**Gráfico 5. Espaços de comercialização das peças de barro.**

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

A comercialização está diretamente ligada a participação em eventos, feiras, exposições, mas as entrevistadas informaram que não tem tido oportunidades desses intercâmbios e aprimoramentos.

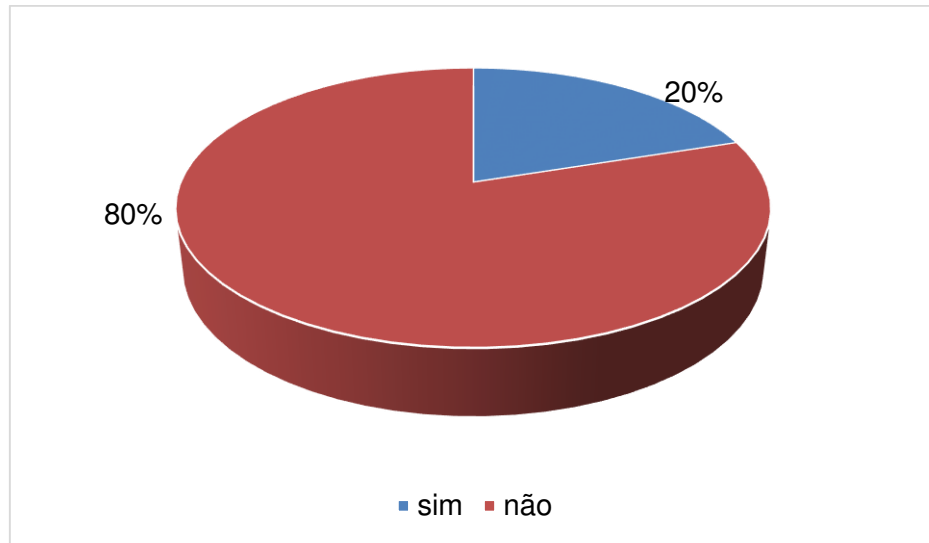
Para Lins (2012), tal fato talvez se dê por conta da atividade mesma, sem dúvida criativa, se beneficiar da carência de educação formal nas faixas de população afastadas.

Como as louceiras não estão organizadas em associações, muito naturalmente percebe-se que ficam mais susceptíveis a baixa procura, fato que pode comprometer as possibilidades de visibilidade da atividade.

Na verdade, as mesmas não têm participado de cursos de capacitação em empreendedorismo, o que, segundo Seraine (2009) dificulta o acesso à tecnologia e a instrumentos de apoio à inovação e certificação de produtos e serviços, bem como aos programas de promoção da melhoria da qualidade da gestão, dos produtos e serviços (Gráfico 6).



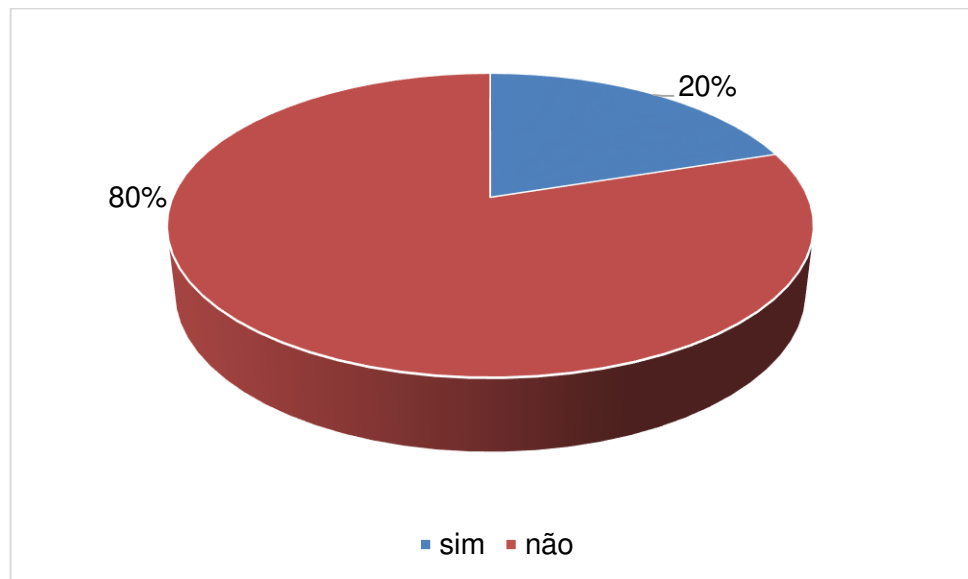
**Gráfico 6. Participação em eventos para exposição de suas peças de barro.**



Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

Sobre os preços das peças, as louceiras disseram que não representa justiça, uma vez que a tradição envolvida no processo do trabalho do início ao fim, o discernimento e a destreza requeridos por elas no ofício, não são reconhecidos na hora de aplicar valoração às peças (Gráfico 7).

**Gráfico 7. Satisfação das louceiras quanto aos preços das peças de barro.**



Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

O amor das louceiras à arte vai além do que as pessoas conseguem perceber nas peças de barro, cuja alquimia sai da terra e ganha forma em suas mãos. Os preços variam de peças e tamanhos. As miniaturas de panelas, copos e vasos são vendidas entre R\$ 5,00 e R\$ 6,00; as panelas pequenas sem tampa por R\$ 10,00 e as panelas sem tampa entre R\$ 25,00 e R\$ 35,00, o fogareiro por R\$ 15,00 e as bonecas decorativas pequenas por R\$ 45,00 a 60,00 (Figura 7).

As louceiras disseram que ainda que o preço que as pessoas querem dar a cada uma das peças não está equivalente ao esforço físico para executar cada peça, juntamente com as despesas agregadas ao transporte das peças até o local de vendas, e com a mão de obra relativa a cada uma das artesãs.

Conforme Guimarães (2005) “a argila é valorizada pelo que ela é enquanto matéria, sem estrutura, ganhando forma pela ação das mãos e dedos dos que a tomam com intuição de transformá-la em objeto”.

**Figura 7. Peças do artesanato com barro das louceiras de Serra Branca - PB.**

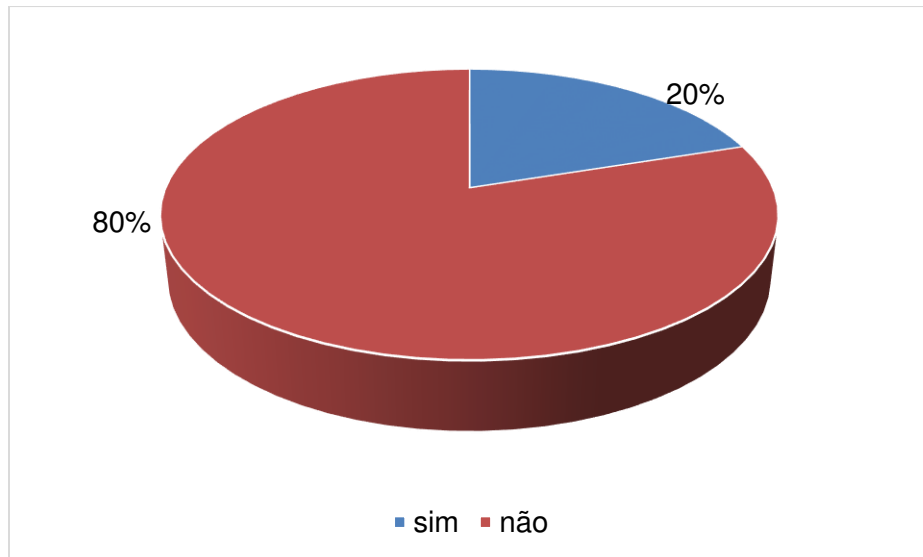


Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

Sobre a valorização da atividade por parte da comunidade local e da cidade, as louceiras foram enfáticas em dizer que não se reconhece seu valor enquanto artesãs, o que gera uma contínua desistência em perpetuar a arte. Todavia apontam

que há reconhecimento em outros locais, quando as peças se apresentam em salões e exposições, ou outros países (Gráfico 8).

**Gráfico 8. Percepção sobre a valorização de sua arte com o barro.**



Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

Importa reconhecer nas falas das louceiras que sua criação é única e ocorre ali, no ambiente simples da sala de sua casa, no chão (Figura 7). A propósito desse ambiente, é importante que se coloque que o Governo do Estado iniciou há mais de cinco anos a construção de ateliês em cada casa das louceiras, como proposta do Salão de Artesanato da Paraíba, mas não foram concluídos, havendo apenas o espaço onde as louceiras guardam as peças prontas para ir ao forno ou para comercialização.

**Figura 8. Peças prontas guardadas para a venda.**



Fonte: Dados da pesquisa, 2018.



Em geral não há hora determinada para a atividade, mas acontece quando estas se desconectam da vida e ainda que permaneçam fisicamente em seu 'ateliê', elas se conectam às suas habilidades e valorizações estéticas guardadas em seu interior e criam peças que só existiram antes em seu pensamento. É um misto de imaginação, criatividade e técnica própria que empregam para a produção das peças cerâmicas. Essa situação é a que não é vista, nem valorizada: é a comercialização do sonho, do encanto, da transformação da argila em peças que se remetem às raízes, às tradições, à cultura de um povo quase esquecido.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O resultado desse estudo de percepção aponta para as seguintes conclusões:

- As louceiras do Ligeiro de Baixo identificam como principais dificultadores da atividade com a louça de barro, a falta de apoio, de reconhecimento, de valorização e de estímulo ao prosseguimento da arte; dizem-se sozinhas, sem amparo e sem orientações para diversas ações que compõe a atividade;

- Apontaram entre as dificuldades a falta de poço, de transporte, de espaço para comercialização;

- Disseram que gostam da atividade com o barro que é também uma atividade terapêutica, servindo como alívio para as tensões do dia a dia e que quando não estão fazendo sentem-se vazias;

- Verificou-se na fala das louceiras, que a falta de gestores responsáveis e comprometidos com a cultura e a tradição locais é limitante ao bom desempenho da política pública voltada para a atividade cerâmica no Cariri;

O artesanato com argila é uma atividade produtiva que fixa as populações nas suas regiões de origem, fortalecendo suas raízes e permeando sua cultura. Percebe-se que é expressiva a necessidade de um redesenho de projetos que possibilitem ampliar o mercado da louça de barro, tentando contribuir da melhor maneira, com treinamentos de aperfeiçoamento, capacitações e divulgação. Além disso, o reconhecimento e valorização de vocações produtivas de cada região são fundamentais para o desenvolvimento de políticas públicas que consigam assegurar à população boas condições de vida e ferramentas sustentáveis básicas.

Ressalta-se ainda que o artesanato de barro seja uma importante atividade econômica, sendo responsável direta e indiretamente pela geração de trabalho e renda para as famílias da localidade. É também uma atividade fundamental para a fixação da população no meio rural para o desenvolvimento do mesmo e para a manutenção da cultura e tradição.

As louceiras do Ligeiro de Baixo, de Serra Branca (PB) continuam firmes em se definir como artesãs e que, apesar da necessidade de apoio para o fortalecimento dessa atividade, faz-se necessário ressaltar que, o artesanato com barro no Cariri sobrevive por si só, ainda que encontre obstáculos para isso.

## REFERÊNCIAS

- ACSELRAD, M. A transmissão de saberes no contexto das culturas populares e tradicionais. In: **Encontro Nacional de pesquisadores em Dança – Dança: contrações epistêmicas**, v.2. São Paulo. 2011.
- ALBUQUERQUE, U. P. **Etnobiologia e biodiversidade**. Recife: NUPEEA, 2005.
- ALMEIDA, L. S. D. As ceramistas indígenas do São Francisco. **Estudos Avançados**, v.17, n.49, p.255-270. 2003.
- ALVARENGA, J. “Arte e conhecimento: alquimia e o novo paradigma da ciência.” **Revista: Estúdio**. ISSN 1647-6158. v.3, n.5, p.358-365. 2012.
- ALVES, A. G. C. et. al. Caracterização etnopedológica de Planossolos utilizados em cerâmica artesanal no Agreste Paraibano. *Revista Brasileira de Ciências do Solo*, v.29, n.3, 2005.
- ALVES, A.G.C.; MARQUES, J.G.W. Etnopedologia: uma nova disciplina? In: VIDAL-TORRADO, P. et. al. Tópicos em ciência do solo. Viçosa: **Sociedade Brasileira de Ciência do Solo**, v.4, cap.8, p.321-344, 2005.
- ALVES, A.G.C. **Pesquisando pesquisadores: aspectos epistemológicos na pesquisa etnoecológica**. In: LX Reunião Anual da SBPC, 2008, Campinas. Registro da LX Reunião Anual da SBPC. Unicamp: SBPC, 2008.
- ARNOLD, D.E. Ethnomineralogy of Ticul, Yucatan potters: etics and emics. *American Antiquity*, v. 36, n.1, p.20-40, 1971.
- BARRERA-BASSOLS, N. Etnoedafologia Purépecha: conocimiento y uso de los suelos em la cuenca de Pátzcuaro. **México Indígena**, v.24, p. 47-52, 1988.
- BARRERA-BASSOLS, N.; ZINCK, J.A. Ethnopedology in a worldwide perspective: an annotated bibliography. **The Netherlands**: ITC Publication, 632p, 2000.
- BARRIOS, E.; TREJO, M. T. Implications of local soil knowledge for integrated soil management in Latin America. **Geoderma**, v.111, n. 3-4, p. 217-231. 2003.

BLUM, W. Basic Concepts: Degradation, Resilience, and Rehabilitation. p.1-16. In: Lal, R.; Blum, W.H.; Valentine, C. & Stewart, B.A. (Eds.) **Methods for Assessment of Soil Degradation. Advances in Soil Science**. CRC Press. 1998.

BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRASIL. Ministério da Agricultura. **Levantamento exploratório** – reconhecimento dos solos do Estado da Paraíba. Rio de Janeiro. 1972.

BRASIL. Portaria nº 29 de 05 de outubro de 2010. Tornar pública a base conceitual do artesanato brasileiro na forma de anexo. Diário Oficial da União, Brasília, DF, n.192, p.100-102, Seção 1. 2010.

BRASIL, **Lei 13.180/2015**. Dispõe sobre a profissão de artesão e dá outras providências 2015.

BRITO, J. O. **O Uso energético da madeira: estudos avançados**. São Paulo, 2007.

BROWMAN D.L., GUNDERSEN J. N.; Altiplano comestible earths: pre-historic and historic geophagy of highland Peru and Bolivia. **Geoarchaeol.** v. 8, p.413-425. 1993.

CAPORAL, F. R. **Agroecologia**: alguns conceitos e princípios. Brasília, MDA/SAF/DATER-IICA, 2004.

CAVALCANTI, J. S. B. **Talhado: um estudo de organização social e política**. Dissertação (Mestrado). UFRJ. 1975.

CHAGAS, A. P. Argilas: Essências da Terra, 3ª ed. **Moderna**: São Paulo, 1997.

CHALUB MARTINS, L. Memória e meio ambiente: a experiência com as mulheres das águas. In: **Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ambiente e Sociedade**, 1ª, Indaiatuba (SP). Anais do Encontro da Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Ambiente e Sociedade, p.1-14. 2002.

CONNERTON, P. **Como as Sociedades Recordam**. Celta Editora: Oeiras, 1993.

CONKLIN, H. C. An ethnoecological approach to shifting agriculture. Transactions of the New York. **Academy Sciences**, v.17, p. 133-142, 1954.

CORREIA, J.R. **Pedologia e conhecimento local: proposta metodológica de interlocução entre saberes construídos por pedólogos e agricultores em área de Cerrado em Rio Pardo de Minas, MG**. Tese (Doutorado). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 234f. 2005.

COSTA, A. D. **Sucessão e Sucesso nas Empresas Familiares**. Curitiba: Editora Juruá, 2011.

D'AMBRÓSIO, U. **Etnomatemática: o elo entre as tradições e a modernidade**. Belo Horizonte: Autêntica. 2005.

ELISABETSKY, E. Etnofarmacologia. Campinas: **Ciência & Cultura**, v.55, p.35–36, 2003.

EMBRAPA. Centro Nacional de Pesquisa de Solos. **Sistema Brasileiro de Classificação de Solos**. 2. Ed. Brasília: Embrapa Produção de Informação; Rio de Janeiro, Embrapa Solos, 2013.

FARIA, V. E.; CASTRO, M. H. **Política social e transição democrática no Brasil**. Caderno de Pesquisa n. 11. Campinas: Nepp-Unicamp. 1989.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GUIMARÃES, J. M. **A Relação entre Linguagem da Cerâmica artística e Industrial**. Criciúma - SC, 2005.

HILLEL, D. **Environmental Soil Physics**. Academic Press. San Diego. 1998.

IBGE, **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. 2010. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/serra-branca/panorama>. Acesso em: 08 jan. 2018.

IEPÉ. Patrimônio Cultural Imaterial e povos indígenas. 2006. Disponível em: <[http://www.institutoiepe.org.br/media/livros/livro\\_patrimonio\\_cultural\\_imaterial\\_e\\_povos\\_indigenas-baixa\\_resolucao.pdf](http://www.institutoiepe.org.br/media/livros/livro_patrimonio_cultural_imaterial_e_povos_indigenas-baixa_resolucao.pdf)>. Acesso em: 08 Ago. 2017.

IMBANA, M. J.; ALBUQUERQUE, J. de L.; MORAES FILHO, R. A. de; SILVA, T. S. da; NERY, G. de C. Perfil socioeconômico e uso da biomassa florestal como insumo energético pelos artesãos do barro do município de Tracunhaém – PE: análise da percepção ambiental. **In.:** ENGEMA, Encontro Internacional sobre Gestão Empresarial e Meio Ambiente. 2016.

JOHNSON, A.W. Ethnoecology and plating practices in a swidden agricultural system. **American Ethnologist**, v.1, p.87-101, 1974.

LEONE, N. M. de; GUERRA, C. P. **Sucessão na empresa familiar: Preparando as mudanças para garantir sobrevivência no mercado globalizado**. São Paulo: Ed. Atlas, 2005.

LEPSCH, I. F. **Formação e Conservação dos Solos**. Oficina de Textos, São Paulo. 192p. 2002.

LICONA-VARGAS, A. L. et. al. Metodologia para el levantamiento de tierras campesinas a nivel regional en ejidos del centro de Veracruz, México. **Agrociencia (Serie Agua-Suelo-Clima)**, v.3, n.4, p.91-105, 1992.

LIMA, V. C.; LIMA, J. M. J. C. **Fundamentos de pedologia**. Curitiba: UFPR, 2000.

LIMA, V. C. **Fundamentos de pedologia**. Curitiba, Universidade Federal de Paraná, Setor de Ciências Agrárias, Departamento de Solos, 343p. 2001.

LIMA, R. G. **O Povo do Candeal**: sentidos e percursos da louça de barro. Tese (Doutorado em Antropologia Cultural). Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia. UFRJ, IFCS. Rio de Janeiro: 2006.

LOPES, F. de C. Imaginário, arte e alquimia: itinerários para uma educação da sensibilidade. **Religare**, v.10, n.2, p.152-163. 2013.

MARIN, A. A. Pesquisa em educação ambiental e percepção ambiental. **Revista Pesquisa em Educação Ambiental**, vol.3, n.1, p.203–222. 2008.

MARQUES, J. G. W. **Pescando pescadores: ciência e etnociência em uma perspectiva ecológica**. 2ª ed. São Paulo, NUPAUB/Fundação Ford, 304p. 2001.

MARTIN, G. **Pré-história do nordeste do Brasil**, 3ª Ed. Universitária UFPE: Recife, 1999.

MARTINEZ, P. H. **Brasil: desafios para uma história ambiental**. Nômadias (Col), n.22, 2005.

MARTINEZ, E. A. et. al. **Agricultura e ambiente**: a percepção de agricultores de base familiar em diferentes agroecossistemas no território zona sul do Rio Grande do Sul. Anais congresso (Cadernos de Agroecologia), v.8, n.2, 2013. Disponível em: <<http://www.abaagroecologia.org.br/revistas/index.php/cad/article/view/13466>> Acesso em Jan. 2018.

MATTOS, S. M. **Artefatos de Gênero na Arte do Barro (Jequitinhonha)**. Vitória: Edufes, 2001.

MAY, T. **Pesquisa social: questões, métodos e processos**. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MELO. V. **Garrafas de areia de Tibau**. Mossoró, Fund. Guimarães Duque/ Esc. Sup. de Agricultura de Mossoró. Coleção Mossoroense, Série B, v.337. 1983.

MENDES, R. P. R. Percepção sobre meio ambiente e Educação Ambiental: O olhar dos graduandos de ciências biológicas da PUC – BETIM. Dissertação (Mestrado). 2006.

MENDES, F. R. N. A Louça de Barro do Córrego de Areia: tradição, memória e saber. In Chaves, José Olivenor Souza (Org.). **Vale do Jaguaribe**: histórias e culturas. Fortaleza: Lux Print Off Set, 2008.

MORAN, E. F. **Developing the Amazon**. Bloomington: Indiana University. Press. 1981.

MUGGLER, C. C.; PINTO SOBRINHO, F. de A.; MACHADO, V. A. Educação em solos: princípios, teoria e métodos. **Revista Brasileira de Ciência do Solo**, Viçosa, v.30, n.4, p.733-740. 2005.

MURAKAWA, V. Y.; RIBEIRO, R. S. A arte extraída do barro: formas de retratar o choro através da gravura em cerâmica. CONGRESSO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, 5., 2019, Águas de Lindólia. **Anais...** São Paulo: PROEX; UNESP, p. 188. 2009.

NIEMEIJER, D.; MAZZUCATO, V. Moving beyond indigenous soil taxonomies: local theories of soils for sustainable development. **Geoderma**, v.111, p.403-424, 2003.

NORTON, F. H. **Introdução à tecnologia cerâmica**, Edgard Blücher: São Paulo, 1973.

OKAMOTO, J. **Percepção ambiental e comportamento**. São Paulo: Editora Plêiade, 1996.

OLIVEIRA, N. A. da. S. **A Educação Ambiental e percepção fenomenológica**. Curitiba-PR, 2006.

OLLIER, C.D.; DROVER, D.P.; GODELIER, M. Soil knowledge amongst the Baruya of Wonenara, New Guinea. **Oceania**, v.42, p.33-41. 1971.

PAB. **Programa do Artesanato Brasileiro**: Base Conceitual do Artesanato Brasileiro. 2012. Disponível em: <[http://www.desenvolvimento.gov.br/arquivo/dwnl\\_1347644592.pdf](http://www.desenvolvimento.gov.br/arquivo/dwnl_1347644592.pdf)> Acesso em: set. 2017.

PACHECO, E. & SILVA, H. P. Compromissos Epistemológicos do Conceito de Percepção Ambiental. Rio de Janeiro: Departamento de Antropologia, Museu Nacional e Programa EICOS/UFRJ, 2007.

PARAÍBA. **Relatório do Zoneamento Agropecuário do Estado da Paraíba**. Universidade Federal da Paraíba. Fundação de Pesquisa e Extensão - FUNAPE, Centro de Ciências e Tecnologia - CCT, Centro de Ciências Agrárias - CCA, Paraíba. 1978.

PAYTON, R.W. et al. Contrasting approaches to integrating indigenous knowledge about soils and scientific soil survey in East Africa and Bangladesh. **Geoderma**, v.111, p.355-386, 2003.



PERH-PB: **Plano estadual de recursos hídricos: resumo executivo & atlas**. Governo do Estado da Paraíba; Secretaria de Estado da Ciência e Tecnologia e do Meio Ambiente - SECTMA; Agência Executiva de Gestão de Águas do Estado da Paraíba - AESA. Brasília, DF. Consórcio TC/BR. Concremat, 112p. 2006.

POSEY, D. A. Etnobiologia: Teoria e Prática. In: RIBEIRO, B. **Suma Etnológica Brasileira**, v.1. 1986.

RESENDE, M.; CURI, N.; RESENDE, S. B.; CORRÊA, G. F. **Pedologia: base para distinção de ambientes**. Viçosa, MG, NEPUT, 304p. 1995.

RICCA, D. **Sucessão na Empresa Familiar**. São Paulo, Editora CLA. 2007.

ROMEIRO, A. R. **Meio ambiente e dinâmica de inovações na agricultura**. São Paulo: Annablume, Fapesp, 1998.

SAMPAIO, E. P. M. **Utilização da Carta de Solos**. Universidade de Évora. Oficinas Gráficas de Barbosa & Xavier, Ed<sup>o</sup>. Évora. 1999.

SANTOS B. S. **A Universidade do Século XXI**: Para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade. 2008. Disponível em: <<http://www.ces.uc.pt/bss/documentos/auniversidadesecXXI.pdf>> Acesso em 08 Jan. 2018.

SANTOS, K. P. dos. Associação de mulheres louceiras do Maruanum (ALOMA): tradição e economia solidária no estado do Amapá – Amazônia – Brasil. **Rev. Gest. Anál.**, Fortaleza, v.5, n.2, p.47-63, jul./dez. 2016.

SCHAEFFER, C. E. R. & EDEN, M. Os solos e os povos indígenas de Roraima: um ensaio de ecologia humana. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIA DO SOLO, 25, Viçosa, 1995. **Anais...** Viçosa: Sociedade Brasileira de Ciência do Solo, p.1491-1496. 1995.

SERAINÉ, A. B. M. S. **Ressignificação produtiva do setor artesanal na década de 1990: o encontro entre artesanato e empreendedorismo**. Tese (Doutorado), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil. 2009.

SHREVE, R. N.; BRINK Jr. J. A. **Em Indústria de Processos Químicos**. 4ªEd., cap.9, Guanabara Koogan S. A: Rio de Janeiro, 1977.

SILVA, A. M. N. da, et. al. **A biomassa florestal (lenha) como insumo energético para os artesãos da cidade de Tracunhaém/PE**. Recife/PE, 2007.

SILVA, R. M. A. **Entre o combate à seca e a Convivência com o Semi-Árido: Transições Paradigmáticas e Sustentabilidade do Desenvolvimento**. Fortaleza: BNB, 2008.

SILVA, A. P. da, **Aprendendo, fazendo e colorindo a cidadania: uma nova perspectiva da economia solidária na EJA**. (Monografia). Curso de Especialização em Educação Solidária no Semiárido da Paraíba. Universidade Federal de Campina Grande. Campina Grande – Paraíba. 2013.

SOUSA, E. A. **Fatos Históricos de Serra Branca**. Serra Branca, PB. 2008.

TABOR, J. A.; KILAMBYA, D. W.; KIBE, J. M. **Reconnaissance Survey of the Ethno-pedology in the Embu, Meru, Machakos, and Kitui Districts of Kenya's Eastern Province**. USA. University of Missouri. Nairobi, Kenya. p.85, 1990.

TABOR, J. A. Ethnopedology surveys: soil surveys that incorporate local systems of land classification. **Soil Sur. Horiz.**, v. 33, p.1-5. 1992.

TOLEDO, V. M. Indigeneous knowledge of soils: an ethnoecological conceptualization. Em Barrera-Bassols, N, Zink, JA. **Ethnopedology in a worldwide perspective**. Enschede, Holland. International Institute for Geo-information and Earth Observation, ITC, publication n. 77: 1-9. 2000.

TOMA, M. A., BOAS, R. C. V.; MOREIRA, F. M. S. **Conhecendo a vida no solo**, v. 1/Solos. LAVRAS – Ed. UFLA. 32 p. 2017.

TONDO, C. **Desenvolvendo a empresa familiar e a família empresária**. Editora Sulina, 2008.

TRIGUEIRO, A. **Meio ambiente no século 21: 21 especialistas falam da questão ambiental nas suas áreas de conhecimento**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

UNESCO. Patrimônio Cultural Imaterial. 2017. Disponível em: <<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/culture/world-heritage/intangible-heritage/>>.

Acesso em: 07 Ago. 2017.

VAISENCHER, S. A. **Artesanato do Nordeste do Brasil**. 2003. Disponível em: <[http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar./index.php?option=com\\_content&view=article&id=326&Itemid=1/](http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar./index.php?option=com_content&view=article&id=326&Itemid=1/)>. Acesso em: Ago 2017.

VERGANI, T. Educação Etnomatemática: o que é? Natal: Flecha do Tempo, 67 p. 2007.

VITAL, A. de F. M. **Revista Boca Escancarada**. 2014.

VITAL, A. F. M.; SANTOS, R. V. **Solos**, da educação à conservação: ações extensionistas. Tegráf: Maceió. 2017.

VITORINO, R. F. de O. **Mestre Galdino: o ceramista poeta de Caruaru - PE**. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho", Instituto de Artes, 230p. 2013. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/122057>>. Acesso em: 23 Mar. 2018.

WEST, R. C. Folk-mining in Colombia. **Econ. Geogr.** v.28, p.323-330. 1952.

WILLIAMS, B. J. Aztec soil science. **Boletín del Instituto de Geografía (UNAM)**, v.7, p.115-120, 1975.

WILLIAMS, B. J.; ORTIZ-SOLORIO, C. A. Middle American folk soil taxonomy. **Annals of the Association of American Geographers**, v.71, n.3, p.335-358, 1981.

WILSHUSEN, R. H. & STONE G. D. An aethnoarchaeological perspective on soils. **World Archaeology**, v.22, n.1, p.104-114, 1990.

## APÊNDICE A



### TERMO DE CONCORDÂNCIA DAS LOUCEIRAS

Este questionário faz parte de uma atividade de pesquisa que estamos realizando pelo curso de Tecnologia em Agroecologia, UFCG, campus Sumé. Para que tenhamos sucesso em nossa pesquisa precisamos da sua colaboração. Por essa razão, pedimos que você responda às perguntas abaixo com muita atenção e sinceridade. Responda da maneira que você considera mais apropriada, sem se preocupar em acertar ou errar, pois não se trata de uma avaliação de conhecimentos. Agradecemos por você ter concordado em participar deste estudo exploratório. Estamos interessados em conhecer a visão dos agricultores sobre práticas de uso e manejo do solo.

### CONSENTIMENTO

Eu, \_\_\_\_\_, concordo em participar da pesquisa da acadêmica Cristina Guimarães, intitulada 'A ALQUIMIA DA TERRA: A ARTE COM BARRO NA COMUNIDADE LIGEIRO DE SERRA BRANCA PB'.

---

Assinatura

## APÊNDICE B



### ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

- 1- Idade
- 2- Grau de instrução: ( ) Não alfabetizado ( ) Ensino fundamental Incompleto ( ) Ensino fundamental completo ( ) Médio Incompleto ( ) Médio completo ( )
- 3- Participação em organização associativa:  
( ) Sindicato rural ( ) Associação ( ) Cooperativa ( ) Outro ( ) Não participa
- 4- Presença de assistência técnica especializada: ( ) Sim \_\_\_\_\_ ( ) Não
- 5- Com quem aprendeu a arte com barro e há quanto tempo? \_\_\_\_\_
- 6- Quantas pessoas tem na família?
- 7- Tipologia da economia familiar.
- 8- Principais dificuldades da arte?
- 9- Comercialização das peças.
- 10- Os preços são justos com a atividade? ( ) Sim ( ) Não
- 11- Já participou ou participa de algum evento? ( ) Sim ( ) Não
- 12- Você se sente valorizada na comunidade? ( ) Sim ( ) Não
- 13- Quais as peças que tem mais procura? \_\_\_\_\_
- 14- Como identifica o barro que dá liga pra panela? \_\_\_\_\_
- 15- A cor do solo influencia na qualidade da peça de barro? \_\_\_\_\_
- 16- Quais as expectativas com relação à arte com barro? \_\_\_\_\_

## APÊNDICE C

### LEI Nº 13.180, DE 22 DE OUTUBRO DE 2015.

Dispõe sobre a profissão de artesão e dá outras providências.

#### **A PRESIDENTA DA REPÚBLICA**

Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º Artesão é toda pessoa física que desempenha suas atividades profissionais de forma individual, associada ou cooperativada.

Parágrafo único. A profissão de artesão presume o exercício de atividade predominantemente manual, que pode contar com o auxílio de ferramentas e outros equipamentos, desde que visem a assegurar qualidade, segurança e, quando couber, observância às normas oficiais aplicáveis ao produto.

Art. 2º O artesanato será objeto de política específica no âmbito da União, que terá como diretrizes básicas:

I - a valorização da identidade e cultura nacionais;

II - a destinação de linha de crédito especial para o financiamento da comercialização da produção artesanal e para a aquisição de matéria-prima e de equipamentos imprescindíveis ao trabalho artesanal;

III - a integração da atividade artesanal com outros setores e programas de desenvolvimento econômico e social;

IV - a qualificação permanente dos artesãos e o estímulo ao aperfeiçoamento dos métodos e processos de produção;

V - o apoio comercial, com identificação de novos mercados em âmbito local, nacional e internacional;

VI - a certificação da qualidade do artesanato, agregando valor aos produtos e às técnicas artesanais;

VII - a divulgação do artesanato.

Art. 3º O artesão será identificado pela Carteira Nacional do Artesão, válida em todo o território nacional por, no mínimo, um ano, a qual somente será renovada com a comprovação das contribuições sociais vertidas para a Previdência Social, na forma do regulamento.

Art. 4º O Poder Executivo é autorizado a criar a Escola Técnica Federal do Artesanato, dedicada exclusivamente ao desenvolvimento de programas de formação do artesão.

Art. 5º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 22 de outubro de 2015; 194º da Independência e 127º da República.

DILMA ROUSSEFF  
*Miguel Rossetto*

Este texto não substitui o publicado no DOU de 23.10.2015

## APÊNDICE D



Figura 17. Perfil de um LUVISSOLO CRÔMICO Vertissólico, onde é feito a extração de barro de umas das louceiras.

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.



Figura 18. Visão do forno com as peças para serem queimadas, recobertas pelas peças descartadas.

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.



Figura 19. A louceira Quitéria comercializando as peças de barro na feira livre de Sumé – PB.

Fonte: Daniel Leal Filho, 2000.